



Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Qualidade Afetiva do Espaço Físico em Acolhimento Residencial:
uma análise da relação com a vinculação ao lugar e da satisfação
com a vida

Sofia Alexandra Carvalho Araújo Tavares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Maria Manuela Amorim Calheiros, Professora Auxiliar
ISCTE

Co-orientadora:

Doutora Eunice Vieira Magalhães, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE

outubro, 2017



Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Qualidade Afetiva do Espaço Físico em Acolhimento Residencial:
uma análise da relação com a vinculação ao lugar e da satisfação
com a vida

Sofia Alexandra Carvalho Araújo Tavares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Maria Manuela Amorim Calheiros, Professora Auxiliar
ISCTE

Co-orientadora:

Doutora Eunice Vieira Magalhães, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE

outubro, 2017

Agradecimentos

A todos os que motivaram e participaram na realização deste trabalho.

A todos que facilitaram e contribuíram decisivamente para este processo científico.

E a todos os que cuidaram de mim para a conclusão deste trabalho.

Resumo

Nesta tese analisa-se a qualidade do espaço físico de casas de acolhimento, assim como a sua relação com a satisfação com a vida e a vinculação ao lugar, em crianças e jovens a quem foi aplicada uma medida de promoção e proteção de acolhimento residencial.

Participaram nesta investigação quantitativa 52 participantes, entre os 12 e os 21 anos, em acolhimento residencial, que responderam a três questionários: “Questionário de avaliação da perceção afectiva do espaço físico” (Russel & Pratt, 1980), o “Questionário Satisfação com a Vida” (Magalhães & Calheiros, 2015), e o “Questionário de Vinculação ao Lugar” (Neto, 1993).

Ressaltou dos resultados do estudo que: os participantes fizeram uma avaliação maioritariamente positiva dos espaços físicos das CAR, descrevendo-as como: Estimulante, Agradável, Excitante, Relaxante e Sossegado; existe uma relação positiva entre a qualidade afetiva do espaço físico e a satisfação com a vida; que quanto maior a satisfação com a vida, maior a vinculação ao lugar, e; quanto mais positiva é a perceção da qualidade afetiva do espaço de lar, maior a satisfação com a vida e a vinculação ao lugar. A dimensão da vinculação ao lugar que melhor perdiz a qualidade afetiva do espaço físico é a identidade de lugar.

Os resultados obtidos contribuem para a reflexão sobre a importância da melhoria dos serviços prestados aos jovens acolhidos, quer pelas instituições avaliadas, quer a sua generalização para outras, suas semelhantes.

Palavras-chave: Espaço afetivo, crianças e jovens, acolhimento residencial, avaliação da qualidade do espaço afetivo, Psicologia Ambiental, Psicologia Social.

Códigos da American Psychological Association (APA):

2956 Educação Infantil & Cuidados com Crianças

3000 Psicologia Social,

3280 Toxinas e Saúde Ambientais,

3377 Lares & Lares Residenciais.

Abstract

This thesis analyzes the quality of the shelters' physical space, as well as their relation with the satisfaction with life and the connection to the place, in children and young people to whom a measure of promotion and protection of residential reception was applied.

Participants in this quantitative study were 52 participants, aged 12 to 21 years, in a residential setting, who answered three questionnaires: "Questionnaire for assessing affective perception of physical space" (Russel & Pratt, 1980), "Satisfaction Questionnaire with Vida "(Magalhães & Calheiros, 2015), and the " Questionnaire of Linking to Place "(Neto, 1993).

He emphasized from the results of the study that: the participants made a mostly positive evaluation of the physical spaces of the CAR, describing them as: Stimulating, Pleasing, Exciting, Relaxing and Peaceful; there is a positive relationship between the affective quality of physical space and satisfaction with life; that the greater the satisfaction with life, the greater the attachment to the place, and; the more positive is the perception of the affective quality of the home space, the greater the satisfaction with life and the attachment to the place. The dimension of the attachment to the place that best lost the affective quality of the physical space is the Identity of place.

The results obtained contribute to the reflection on the importance of improving the services provided to young people, both by the institutions evaluated and their generalization to others, their counterparts.

Keywords: Affective space, children and youth, residential care, affective space quality evaluation, Environmental Psychology, Social Psychology.

APA Codes:

2956 Childrearing & Child Care,

3000 Social Psychology,

3280 Environmental Toxins & Health,

3377 Nursing Homes & Residential Care.

Índice dos Quadros

Quadro 1	45
Quadro 2	46
Quadro 3	48
Quadro 4	49
Quadro 5	50
Quadro 6	51
Quadro 7	52
Quadro 8	53
Quadro 9	54

Índice de Figuras

Figura 1	12
Figura 2	15
Figura 3	24
Figura 4	24
Figura 5	25
Figura 6	26
Figura 7	26
Figura 8	27
Figura 9	28
Figura 10	28
Figura 11	29

Glossário

APA – American Psychological Association

CAR – casa de acolhimento residencial

CB – casa de banho

Coz - cozinha

CNPCJR – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CPCJ - Comissões de Proteção de Crianças e Jovens

DOM - Desafios, Oportunidades e Mudanças

Jard - jardim

MPP - Medida de Promoção e Proteção

Quar – quarto

SE – sala de estar

SM – sala multiusos

SR – sala de refeições

Introdução

É da necessidade de uma atenção especializada das condutas familiares preocupantes que nascem instituições sociais, públicas, privadas e religiosas, com a iniciativa de proporcionar condições residenciais através do acolhimento de crianças e jovens que, pelas mais variadas circunstâncias sociais, familiares, económicas, físicas ou emocionais necessitam de se afastar temporária ou permanentemente do seu núcleo familiar, como define Sandomingo (1998).

O acolhimento residencial é uma opção face à impossibilidade de promover a vida familiar através de outro tipo de recursos como as ajudas económicas, o atendimento diário, o acolhimento familiar ou a adoção. Este caracteriza-se como uma resposta social que se destina ao acolhimento de crianças e jovens de ambos os sexos, com menos de 18 anos, em regime aberto (Lei nº 142/2015, 8 setembro).

O espaço em que a criança ou jovem reside é muito importante para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Em qualquer contexto, a ação do indivíduo é indissociável do espaço onde está inserido. O facto é que o espaço físico afeta, consciente ou inconscientemente, a forma como as pessoas sentem, pensam e se comportam acabando por influenciar ou moldar os seus hábitos, expectativas e valores (Day & Midbjer, 2007).

Neste sentido, determinadas características do espaço físico da casa de acolhimento residencial (CAR) podem influenciar o bem estar das crianças e jovens acolhidas, quer a nível físico como psicológico (Bonnes & Carrus, 2004), sobretudo no que se refere à sobrelotação do espaço e aos elevados níveis de ruído e poluição (Evans & Cohen, 2004). Martins (2005) define ainda que as CAR podem também comportar características negativas em termos de ordem estrutural e dinâmica, principalmente no que diz respeito à sua localização física, à distância de acesso aos serviços (e.g.: apoio social; de saúde; transporte públicos), aos recursos e ao conjunto da comunidade em que se inserem, que condicionam a qualidade e a frequência de contatos/trocas que as crianças e jovens acolhidas estabelecem com o meio envolvente, ou seja a vinculação a esse espaço.

Segundo a mesma autora (Martins, 2005), o número de espaços interiores, a sua dimensão, bem como os materiais utilizados e a sua funcionalidade influenciam a relação afectiva que os indivíduos criam com o meio. Chegando mesmo a considerar que a

aparência externa do CAR também é muito importante pois mostra uma imagem ao meio envolvente, condicionando ou não, a forma como as crianças e jovens são olhadas pela comunidade.

Evans e Cohen (2004) afirmam que particularmente, para as crianças e jovens que se encontram em acolhimento residencial, é de grande importância estudar estas questões pois as características do espaço podem provocar stress, isolamento social, fadiga, e sentimentos de desespero.

No entanto, apesar da importância que diversos autores atribuem a estas questões ambientais, é residual o número de estudos que tenham abordado a percepção dos residentes acerca das propriedades afetivas dos diferentes espaços da habitação, do bem estar e vinculação ao lugar, durante a medida de acolhimento residencial em Portugal (Magalhães & Calheiros, 2015).

É propósito do projeto é estudar qual a percepção dos jovens sobre a qualidade do CAR onde habitam, o tempo de acolhimento, o sexo e a idade dos jovens, através das propriedades: estimulante, excitante, agradável, relaxante, sossegado, triste, desagradável e perturbador, tendo em consideração as restantes variáveis em análise, como a satisfação com a vida e a vinculação ao lugar.

Para que se entenda, em Portugal existem cerca de 310 (CAR), segundo o relatório do Instituto de Segurança Social (2016), que acolhem 8.175 crianças e jovens, em que 69,4% se encontram na faixa etária entre os 12 e os 21 anos. Elemento que por si só justifica a escolha da faixa etária em estudo, vista esta representar mais de 50% do total de jovens acolhidos.

No que diz respeito à sua estrutura, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro partes fundamentais:

Na primeira parte, será apresentada uma breve contextualização teórica, que está subdividida em quatro subtemas referente ao tema: 1) o acolhimento residencial, seu enquadramento legal; 2) a importância do ambiente físico em todos os seus componentes; apresentação do Modelo Bidimensional (Russel & Pratt, 1980), sobre o qual o presente projecto se baseia e à descrição da qualidade afetiva do espaço físico; 3) o impacto do meio ambiente nos indivíduos, no bem estar e na vinculação ao lugar, e; 4) apresentação dos problemas de investigação e objectivos da investigação.

O método será apresentado na segunda parte, onde se descreve o processo de análise da relação entre a qualidade afetiva do espaço físico, do bem estar subjetivo e a vinculação ao lugar, de adolescentes em acolhimento residencial, seguido dos resultados, na terceira parte.

Na quarta parte, constam a discussão dos mesmos e as principais conclusões do trabalho desenvolvido.

I Contextualização Teórica

1. Enquadramento Legal da Medida de Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens

O conceito de acolhimento de uma criança prevê a sua separação do contexto familiar para ser acolhida, de noite ou de dia, qualquer que seja a duração, numa casa de acolhimento residencial ou em uma família de acolhimento. Este emerge da incapacidade da família responder às necessidades vitais, educativas e/ou afectivas da criança ou jovem. Esta decisão de acolhimento diz respeito a três áreas científicas: social, jurídica e pedopsiquiátrica (Mota & Matos, 2010).

É de acordo com as necessidades específicas inerentes às diversas situações de risco/perigo que é definida a resposta de acolhimento que melhor se adequa a cada criança ou jovem. Espera-se que sejam respostas de fim de linha, ou seja, que constituam um recurso quando esgotadas todas as possibilidades de trabalho social com a família de origem e com a própria criança ou jovem, no sentido de evitar cortes afetivos cujos efeitos perversos serão dificilmente mensuráveis a curto prazo (Calheiros, Graça & Patrício, 2011).

De acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (art. 3º, Lei 142/2015, 8 de setembro), considera-se que uma criança ou jovem se encontra em perigo numa das seguintes situações: a) está abandonada ou vive entregue a si própria; b) sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; c) não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; d) está aos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais; e) é obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; f) está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; g) assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação. Quando uma destas situações se verifica, pode decidir-se pela medida de acolhimento residencial.

As respostas para acolhimento de crianças e jovens são actualmente denominadas de casas de acolhimento residencial (CAR) (Lei nº. 142/2015 de 8 de setembro, artigo 50º).

De acordo com o artigo 49.º da Lei nº 142/2015 de 8 de setembro, a medida de acolhimento residencial:

“1 - (...) consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados.

2 - O acolhimento residencial tem como finalidade contribuir para a criação de condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem -estar e desenvolvimento integral.”

No 53º artigo (Lei nº 142/2015), pode ler-se que “1 - As casas de acolhimento são organizadas em unidades que favoreçam uma relação afetiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade. (...) 3 - Os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto da criança podem visitar a criança ou o jovem, de acordo com os horários e as regras de funcionamento da casa, salvo decisão judicial em contrário.”

Desde 2007 que o sistema de acolhimento residencial português sofre reestruturações com o Plano DOM (Desafios, Oportunidades e Mudanças). A aplicação do Despacho nº 8393/2007 surge como a iniciativa para a qualificação dos serviços e para a melhoria continua na promoção dos direitos e da proteção de crianças e jovens.

Neste contexto de mudança salienta-se a relevância de criar parcerias entre os serviços/instituições sociais e os centros/unidades de investigação, que promovam a adaptação e validação das melhores práticas e modelos de acolhimento em função das características e necessidades da população-alvo.

Sloutsky (1998, citado por Almeida & Fernandes, 2010) demonstra que a mobilidade das crianças e dos profissionais de uma instituição para a outra pode originar um impacto negativo nas crianças e jovens acolhidos quanto ao seu desenvolvimento

pessoal e social, mostrando também que a estabilidade, tanto do espaço físico, como das relações interpessoais têm grande impacto.

Importância do ambiente físico

O impacto do ambiente físico tem sido objecto de investigações em diferentes partes do mundo e por diversas áreas do saber, tais como a Antropologia, Geografia e Sociologia (Muga, 2015).

Moser (1998) afirma que o ambiente pode afetar as crianças: física, cognitiva, social e emocionalmente. Tendo isto em conta, é necessário procurar as condições favoráveis ao desenvolvimento da criança, tendo em atenção a crescente urbanização, a necessidade de oportunidades ao ar livre, o crescente papel dos *media*.

Outros autores como Tombourou, Olsson, Rowland, Renati & Hallam (2014) defendem que o ser humano se desenvolve na dinâmica entre o próprio e o meio ambiente que o rodeia. E são as características desse ambiente, que engloba não só os espaços físicos, como psicológicos e emocionais que influenciam o desenvolvimento pessoal. Nesta interação, os indivíduos vão percecionando o meio ambiente através dos sentidos.

A interação indivíduo-ambiente.

Gallindo (1981) dará mais importância ao ambiente social do que fatores intrapsíquicos para compreender a saúde mental dos indivíduos.

Melo (1991) mostra-nos que a Psicologia Social e Comunitária se encontra ligada à Psicologia Ambiental, quando define esta última como uma área que engloba o contexto social, político, económico e os espaços físicos.

A visão pragmática da Psicologia, defendida sobretudo pela Psicologia Social e Comunitária tem uma preocupação com a aplicação prática a situações sociais concretas, visto que dá ênfase à melhoria da qualidade de vida das comunidades, prima pelas questões interpessoais e da comunidade, em lugar da preocupação tradicional da Psicologia apenas com o indivíduo e as questões intrapsíquicas (Gomes, 1999).

Por sua vez, a Psicologia Ambiental, que estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações entre a pessoa e o meio ambiente físico e social, torna-se também uma área de referência para o presente trabalho (Freire & Vieira, 2007).

A Psicologia Social e Comunitária é, para Montero (1994), o ramo da Psicologia cujo objeto é o estudo dos fatores psicossociais que permitem desenvolver, fomentar e manter o controle e poder que os indivíduos exercem sobre o ambiente individual e social para solucionar problemas e conseguir mudanças nesses ambientes e na estrutura social.

O espaço físico.

Segundo Távora (2006), o espaço constitui uma dimensão fundamental no estudo da experiência do ambiente em geral e da arquitetura em particular. Cada uma das diferentes áreas do “saber” atribui-lhe uma significação muito própria, consoante os seus critérios de actuação. Mas, mesmo assim, podemos desdobrar o espaço em três classes espaciais: o espaço físico, o espaço perceptivo e o espaço cognitivo.

O espaço perceptivo remete para a experiência inerente à utilização desse espaço físico e para a orientação imediata no ambiente, segundo Hall (1986). O espaço cognitivo, assenta naquilo que é a representação mental que fazemos do espaço físico, a imagem que criamos do ambiente que experienciamos directa e indirectamente (Hall, 1986).

Muga (2005) defende que a interação psicológica do indivíduo com o espaço possui quatro processos distintos: a percepção, a memória, a afectividade e o pensamento. O indivíduo percebe o espaço através dos estímulos que este lhe provoca, esta informação é categorizada e registada na memória. Posteriormente será utilizada através do pensamento para a criação e resolução de problemas. Quando o indivíduo atribui emoções e sentimentos aos diferentes processos, estamos perante manifestações de afectividade atribuídas ao espaço físico.

A luz/cores.

Segundo Papanek (1971), nos dias mais escuros (como é característico nos dias de Inverno) os indivíduos tendem a sentir-se deprimidos e apáticos, em oposição aos dias

mais luminosos, durante os quais estes se revelam mais energéticos. Portanto, é correcto mencionar a luz como sendo uma das influências psicofisiológicas no espaço.

Sabe-se ainda que a partir dos diferentes comprimentos de onda que compõem a luz, nós obtemos a cor, e cada uma das diferentes cores tende a projectar determinados efeitos psicofisiológicos nos indivíduos (consoante os estado de espírito, a formação cultural e a condição física). Arnheim (1996, citado por Muga, 2005) vai mais além, e defende, que as cores desencadeiam diferentes reacções fisiológicas:

“A luz colorida (num contínuo crescente desde o azul até ao vermelho) aumenta a circulação sanguínea e a força muscular;

Cores com altos comprimentos de onda, alta claridade e alta saturação aumentam a excitação;

Cores com altos comprimentos de onda desenvolvem uma reacção expansiva dirigida ao observador, ao contrário de cores com baixos comprimentos de onda que se afastam de nós.”.

Anteriormente foi mencionado que as diferentes cores podem induzir determinados efeitos psicofisiológicos nos indivíduos, mas antes de referirmos esses mesmos efeitos gostaríamos de chamar a atenção para o facto de a própria tonalidade das cores actuar como agente condicionante. Ou seja, quanto mais forte for a tonalidade, maior é a intensidade dos efeitos psicofisiológicos, e para o caso de tonalidades mais fracas, a intensidade dos efeitos psicofisiológicos será menor. Tendo isto em consideração, vamos agora dar a conhecer os diferentes efeitos globais psicofisiológicos das cores e algumas das suas simbologias, segundo Queiroz (2007) (*Quadro 1*).

As texturas podem atribuir um certo “sabor” aos espaços, e a cor pode contribuir para o realce desse sabor. Um exemplo disso é, quando temos telas coloridas num espaço estrategicamente colocadas, para reforçar a função estética do espaço, as quais podem ser associadas a texturas muito fortes (mas em pequenas quantidades) de forma a marcar o espaço.

O som/silêncio.

A audição, apesar de ser menos “exata” do que a visão, é um sentido complementar de elevada importância para a percepção espacial e, de acordo com Roth

(2000, citado por Muga, 2005), um ambiente surdo possui superfícies absorventes do som e cujo tempo de reverberação seja inferior a meio segundo; no caso de um ambiente reverberante, as suas superfícies são duras e rígidas e reflectem quase todo o som que recebem.

O silêncio é o plano de fundo a partir do qual surge o som. Contribui para a introspecção e promove a criatividade. Segundo Louis Khan (citado por Giurgola, 1998), o silêncio é a origem de toda a obra de arte, pois só o silêncio é anterior ao conhecimento. Marc de Smedt (2003, citado por Muga, 2005), defendia que o silêncio funciona como um espelho do estado de espírito, e como tal, o silêncio pode revelar-se alegre, triste, venerável, desesperado, feliz, etc. O mesmo autor refere que o silêncio permite-nos entender melhor as situações com as quais nos deparamos, desde que o saibamos escutar, sendo ou ocupando o lugar da consciência profunda.

Segundo Papanek (1995, citado por Muga, 2005), o conceito de valorizar o silêncio surgiu no Japão, aplicado nos tradicionais jardins japoneses em que através da dinâmica entre o som e o silêncio (com recurso a diferentes mecanismos básicos que emitem pancadas secas em intervalos de tempo pré-estabelecidos) tinha como propósito final melhorar a apreensão do silêncio, e deste modo retirar o melhor partido possível das suas características.

O cheiro.

Os cheiros desempenham múltiplas funções. Podem ser agentes referenciais que facilitam a deslocação dos indivíduos, podem agir como meio de diferenciação entre indivíduos e ainda podem apelar a memórias profundas e transportar os indivíduos para determinados momentos do seu passado (Hall, 1986 e Papanek, 1995, citados por Muga, 2005).

Determinados cheiros podem revelar-se bastante influentes em termos psicofisiológicos: como é o caso do “cheiro a madeira fresca recentemente cortada acelera a respiração” (Muga, 2005); “os cheiros da actividade humana criam impressão de vida e acrescentam intensidade à vida quotidiana, embora, muitas vezes, constituam uma fonte de *stress*” (Muga, 2005); e temos ainda diversas técnicas de marketing que

utilizam os aromas para refrescar os espaços, controlar a ansiedade e a tensão, reforçar a atenção e a curiosidade, etc.

A textura.

A textura remete para a aparência externa da estrutura dos objectos e, como tal é, integralmente, avaliada e experienciada pelo tacto. E, através do tacto, serão revividas memórias e experiências que se encontram associadas a essa mesma textura. De todos os sentidos, o tacto é “o sentido mais pessoal”, segundo Muga (2005), uma vez que se encontra associado aos momentos mais íntimos.

A temperatura.

Para Muga (2005) “a temperatura é uma das dimensões mais variáveis do ambiente, e com importantes efeitos psicofisiológicos e emocionais.” (pg.57). Aquilo, que é para cada um dos indivíduos, tido como conforto térmico é directamente afectado pela humidade, correntes de ar e actividade física.

O modelo bidimensional.

Segundo Ittelson (1973), o primeiro nível de resposta ao ambiente é afetivo e Russell (1979) define afeto como a expressão verbal da emoção. O afeto tem duas componentes, uma puramente emocional e outra cognitiva. A primeira componente refere-se ao “estado emocional interno” e a segunda componente aos “antecedentes, consequências e outras propriedades do estado emocional” (Russell & Pratt, 1980, p. 34).

Neste trabalho incidimos apenas no componente emocional do afeto, mais propriamente na qualidade afetiva do espaço, que Russell e Pratt (1980) também definem como a expressão verbal da emoção induzida por um determinado espaço. Para tal, irá ser utilizado o modelo de Russel e Pratt (1980) que apresenta um instrumento de avaliação que acede a uma perceção do espaço representada de forma geométrica bidimensional e bipolar com oito variáveis colocadas numa ordem circular.

O modelo desenvolvido por Russel e Pratt (1980) consiste numa delimitação bidimensional e bipolar com os seguintes termos colocados em forma circular com um

ângulo de 45° entre si: estimulante, excitante, agradável, relaxante, sossegado, triste, desagradável e perturbadora (*Figura 1*).

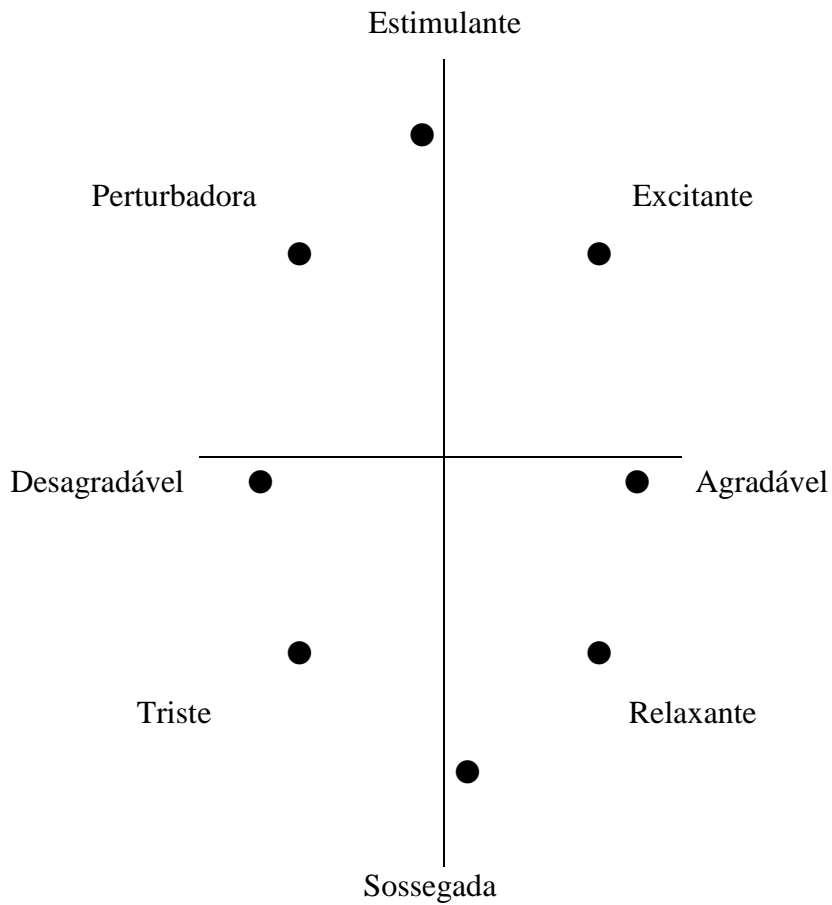


Figura 1: Modelo Bidimensional - Ordenação circular com oito variáveis sobre a qualidade afetiva do espaço físico.

A qualidade afetiva atribuída a um determinado espaço pode representar-se num ponto qualquer deste espaço e não só nos extremos do círculo formado pelos termos, o que possibilita combinações entre os vários termos do modelo (Russel & Pratt, 1980).

Tendo como aplicação prática do modelo, foi criado um questionário a partir das oito escalas lineares bipolares que compõem este modelo circunplexo. Estas escalas lineares foram em seguida separadas em duas escalas monopulares compostas por cinco itens que vão do discordo completamente a concordo completamente no caso dos adultos, e de nada a muitíssimo no caso das crianças/jovens (Russel & Pratt, 1980).

A hipótese da bidimensionalidade.

A hipótese inicial de Russel e Pratt (1980) de usar três dimensões (agradável-desagradável, estimulante-sossegado e domínio-submissão) para definir qualidades afetivas de um espaço partiu de estudos anteriores (Mehrabian, 1972; Mehrabian & Ksionzky, 1974) sobre expressão não-verbal de emoção.

De facto, a hipótese de que qualquer qualidade afetiva pode ser definida através destas três dimensões foi confirmada no estudo de Russel e Mehrabian (1977), tendo-se concluído que as três dimensões eram independentes, que todas as combinações possíveis correspondem a estados emocionais e são suficientes para defini-los todos.

No entanto, no estudo de Russel e Pratt (1980), a dimensão domínio-submissão foi considerada não relevante, pois correspondia a uma insignificante proporção de termos que são considerados como representativos da qualidade afetiva do espaço. Para além disso, no estudo de Russel e Pratt (1980), em que se irá centrar o presente trabalho, são focadas a componente emocional do afeto e a dimensão domínio-submissão correspondente à componente cognitiva que, por sua vez, está relacionada com antecedentes, consequências ou outras propriedades do estado emocional.

Bipolaridade.

Embora vários estudos empíricos sobre o afeto tenham concluído contra a bipolaridade (McNair, Lorr & Droppleman, 1971; Nowlis, 1965; Thayer, 1967), Russell

(1979) afirma que os resultados destes estudos podem ter sido tendenciosos devido a fatores como um formato de resposta assimétrico, e/ou uma amostragem inadequada de alguns termos. Para servir de suporte a esta afirmação Russell (1979) baseia-se em: 1) Bentley (1969) que insere o fator aquiescência – “a tendência para concordar com um item independentemente do seu conteúdo” (p.275); 2) Green e Goldfried (1965) que obtém evidências fortes no sentido da polaridade do espaço semântico; e ainda, 3) Meddis (1972) que constata empiricamente os resultados usando o formato de resposta de Nowlis (1965) e Thayer (1967) com um formato mais simétrico e concluiu-se que a obtenção de fatores bipolares parece depender do tipo de escala de avaliação que é usada.

No entanto, para construir o modelo, Russell (1979) realizou previamente um outro estudo para aferir a existência de hipotéticas dimensões bipolares. Ao comparar empiricamente quatro formatos de resposta diferentes (Meddis, 1972; Nowlis, 1965; Thayer, 1967; McNair & Lorr, 1964), Russell concluiu que estas dimensões bipolares existem e que são muito mais evidentes para escalas agradável-desagradável e estimulante-sossegado.

Modelo circumplexo.

Embora Russel e Mehrabian (1977) tenham comprovado a independência das dimensões, existem estudos que sugerem que estas se relacionam entre si como podemos constatar na proposta de Schlosberg (1952), onde as emoções são organizadas com uma configuração circular ou, no estudo de Wiggins (1979), onde este recorre a um modelo circumplexo para classificar descritores de traços interpessoais.

O modelo circumplexo consiste na criação de escalas circulares, onde a circunferência representa os máximos para cada termo. Ross (1938) define os dois critérios para a criação de uma escala circular: (1) “continuidade”, isto é, uma constante diferença entre os termos quanto à sua disposição e conteúdo; (2) “oposição”, isto é, os termos de cada lado de um diâmetro têm que ser verdadeiros opostos. A grande vantagem de uma escala circular sobre uma escala linear é a capacidade de poder incluir várias escalas lineares numa só circular. Sendo que a escala linear comporta apenas dois extremos opostos, na escala circular permite várias em oposição extrema.

A qualidade afetiva do espaço físico.

Quanto ao espaço físico em si, poucos têm sido os trabalhos realizados na área do acolhimento residencial. Docherty, Kendrick, Sloan, Lerpiniere (2006) desenvolveram, em conjunto, um estudo sobre a influência do *design* de interiores em acolhimento residencial. Este estudo exploratório analisou as atitudes de uma série de intervenções de *design* em quatro casas residenciais de acolhimento para crianças em South Lanarkshire. O projeto propôs a identificação dos benefícios e desvantagens para os jovens e o pessoal de uma mudança na abordagem para a criação de espaços interiores. O tamanho das casas das crianças tem sido o único aspeto do ambiente físico que uma série de estudos têm ligado a conclusões mais amplas sobre o bem estar dos crianças e jovens em acolhimento.

O ambiente, onde uma criança ou jovem se encontra, inserido deve possuir características apropriadas, para que o desenvolvimento possa ocorrer sem “falhas”. Se o ambiente não é adequado, se não há uma interação adequada da criança com este, então, surge a possibilidade de um desenvolvimento deficiente em algum dos aspetos da criança (Zick, 2010).

Um dos primeiros a estudar a influência do ambiente no desenvolvimento humano foi Bronfenbrenner (1996) através da sua Teoria Ecológica do Desenvolvimento. Para este autor, o desenvolvimento acontece através de processos de interação recíproca progressivamente mais complexa entre a criança e todos os níveis de influência do meio ambiente (*Figura 2*).

CRONOSSISTEMA

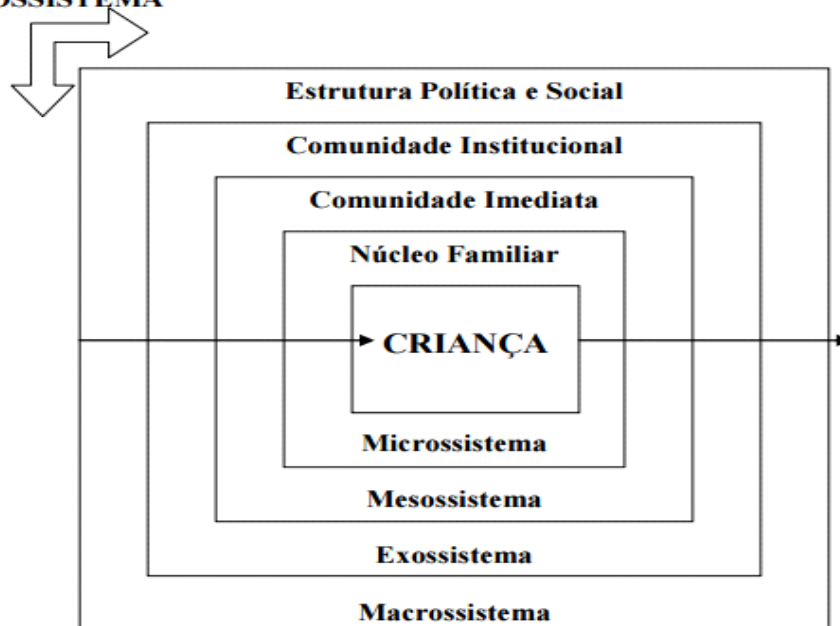


Figura 2: Teoria Ecológica do Desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996), mostra como a criança está no centro de quatro níveis de sistemas, o primeiro é o microsistema, que no caso de jovens acolhidos, em vez de ser a família, é a CAR, seguidos dos restantes níveis, cada vez mais abrangentes: mesossistema; exossistema e macrosistema.

No caso de crianças e jovens em acolhimento, a casa de acolhimento torna-se o microsistema, em vez da família.

Nunes (2014) comparou avaliação das propriedades afectivas dos espaços físicos entre jovens em acolhimento residencial e a respectiva equipa técnico educativa. Os seus resultados indicam que, tanto na perspetiva das crianças/jovens como da equipa técnico educativa, as instituições de acolhimento são avaliadas na sua globalidade como um espaço agradável, que integram simultaneamente propriedades estimulantes, excitantes, relaxantes e sossegadas. Todavia, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na avaliação realizada pelos residentes e a equipa técnica relativamente à cozinha e ao jardim, sendo a equipa técnica que atribui propriedades mais elevadas.

3. Impacto do Meio Ambiente nos Indivíduos, no Bem Estar e na Vinculação ao Lugar

O bem estar é um conceito de difícil definição, podendo-se realçar dois conceitos: o bem estar subjetivo e o bem estar psicológico. O bem estar psicológico é um conceito que agrega conhecimentos de áreas tão diversas como a psicologia do desenvolvimento humano, a psicologia humanista existencial e a saúde mental, relativamente ao funcionamento psicológico positivo ou ótimo dos indivíduos (Machado & Bandeira, 2012). O conceito de bem estar psicológico surgiu como crítica às fragilidades observadas nas formulações que sustentavam o bem estar subjetivo, e os estudos psicológicos que enfatizavam a infelicidade e o sofrimento, negligenciando as causas e consequências do funcionamento psicológico positivo (Siqueira & Padovam, 2008).

Atualmente, o bem estar subjetivo é definido como sendo constituído por duas componentes separadas, mas interligadas: a componente cognitiva designada por satisfação com a vida, ou seja, a forma como o individuo avalia de forma global a sua

própria vida, e a componente afetiva onde se encontra inserida a noção de felicidade e as reações emocionais face à já referida avaliação global da vida (Novo, 2003).

Além de fatores biológicos e intrínsecos da personalidade de cada um, o bem estar, quer seja o psicológico quer o subjetivo, é influenciado pelo contexto onde, neste caso, as crianças e jovens, se encontram inseridos. De acordo com Gaspar & Balancho (2017), a pobreza, ambiente familiar desajustado, e menor apoio social, afetam a sociedade no geral, mas em particular as crianças e adolescentes, pois são aqueles que se encontram mais vulneráveis. Por exemplo, crianças e adolescentes com estatuto socioeconómico desfavorecido apresentam um conjunto maior de riscos, pois encontram-se expostos a múltiplos stresses, oriundos de numerosas origens, como maior probabilidade de doenças físicas, tensões psicológicas e relacionais (Gaspar & Balancho, 2017).

A garantia do bem estar da criança exige a disponibilização das condições necessárias ao desenvolvimento do domínio físico, cognitivo e socio-emocional, quer no contexto familiar e extrafamiliar e, nomeadamente, no contexto escolar.

Geralmente, a interação entre os seres humanos e os lugares dividem-se em três aspetos: cognitivo, comportamental e emocional. Os aspetos cognitivos desta interação prendem-se com a perceção espacial deste e que as pessoas conhecem os seus elementos ambientais e utilizam-nos para se mover dentro deste. Os aspetos comportamentais relacionam-se com as atividades e o relacionamento funcional entre as pessoas e o ambiente. Por fim, a interação emocional com os lugares prende-se com a satisfação e apego a esse local (Hashemnezhad, Heidari & Hoseini, 2013). A qualidade destes três aspetos vai influenciar a vinculação ao lugar.

A vinculação ao lugar é uma temática abordada em vários campos científicos, nomeadamente a psicologia ambiental e a sociologia, havendo diversos quadros conceituais (Hialgo & Hernández, 2001, citado por Magalhães & Calheiros, 2015).

No entanto, o estudo deste conceito ganhou especial atenção nos últimos anos, decorrente da mudança de paradigma no que toca à consciência lugar-pessoa. Com a globalização, com o aumento da mobilidade das pessoas e com o aumento dos problemas ambientais, os laços tornaram-se mais frágeis, ameaçando a existência e as ligações com lugares considerados importantes (Scannell & Gifford, 2010).

Os mesmos autores avançaram uma proposta de uma estrutura tridimensional da vinculação ao lugar. Assim, a vinculação ao lugar aparece constituída por três dimensões: a pessoa, o processo psicológico e as dimensões do lugar (Scannell & Gifford, 2010). A primeira dimensão diz respeito ao ator: quem está vinculado? Em que medida a vinculação é baseada de forma individual? Será que existem significados coletivos? A segunda dimensão é o processo psicológico: como é o afeto, a cognição, o comportamento manifestado na vinculação e por fim, a terceira dimensão diz respeito ao objeto de vinculação, ou seja, as características do local: qual a natureza do local, a quem se verifica a vinculação (Scannell & Gifford, 2010).

O único estudo realizado, em Portugal, que tentou compreender a relação entre o bem estar psicológico e o papel da vinculação ao lugar em crianças e jovens em acolhimento residencial é o de Magalhães, 2015. Nele estudou-se a relação entre direitos e bem estar psicológico e concluiu-se que a vinculação funcionava como mediador. Os resultados reforçam o papel positivo das variáveis socioecológicas no bem estar psicológico das crianças e jovens em acolhimento residencial.

Problemas de Investigação

A investigação com crianças e jovens em acolhimento residencial não tem explorado o papel da qualidade afetiva do contexto físico em que estes se desenvolvem, nem a sua relação com o bem estar subjetivo/satisfação com a vida. Assim como falta compreender a relação entre a percepção da qualidade afetiva do espaço físico e a vinculação ao lugar. Identificou-se ainda a necessidade de compreender a relação da vinculação ao lugar no bem estar subjetivo.

Objetivos.

Os objetivos a que o estudo se propõe são:

- Analisar a relação entre a qualidade afetiva do espaço físico e o bem estar subjetivo de adolescentes em acolhimento residencial;
- Analisar a relação entre a percepção da qualidade afectiva do espaço físico e a vinculação ao lugar;

- Analisar a relação da vinculação ao lugar no bem estar subjetivo de jovens, em acolhimento residencial.

II Método

Participantes

Participaram neste estudo 52 jovens, acolhidos em casa de acolhimento, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos. As características demográficas dos participantes e caracterização das CAR encontram-se nos *Quadros 2 e 3*.

Instrumentos

A ficha de “Caracterização do Lar de Infância e Juventude” (Anexo A) é um documento criado para este projecto a ser preenchido por um membro da equipa técnica. Esta ficha foi criada com o objetivo de avaliar a dimensão dos CAR. É composta por três questões de resposta aberta, a serem preenchidas de forma numérica. A primeira questão é sobre o número de crianças e jovens acolhidos, a segunda sobre o número de Ajudantes de Lar/Educadores que trabalham no referido CAR e a terceira sobre o número de elementos da equipa técnica conforme a sua formação base.

O “Questionário sócio demográfico” (Anexo B) é para ser preenchido pelo jovem. Este questionário foi elaborado com o objetivo de aceder a informações escolares e familiares dos jovens que participavam no estudo. É constituído por 10 questões: idade do jovem, sexo do jovem, escolaridade completa do jovem, número de reprovações escolares, a idade dos pais, a escolaridade, tanto do pai, como da mãe, a profissão de cada um dos pais, a situação civil dos pais (exemplo: Casados/ vivem juntos; Separados/divorciados ou Viúvos), nº de irmãos, e por fim, se tem irmãos acolhidos, e se “sim”, escrever quantos.

O “Questionário de Avaliação das Qualidades Afetivas do Espaço Físico” (Anexo C), versão portuguesa para crianças/jovens (Russel & Pratt, 1980), é um questionário composto por 72 itens, (exemplo de itens: A sala de estar é relaxante; O quarto é perturbador?; A cozinha é sossegada?) com uma escala de resposta de tipo Lickert com 5 pontos que varia de um “Nada” a cinco “Muitíssimo” sendo complementada por uma escala visual que pretende facilitar as respostas dos jovens, sendo que o balão de ar aumenta de tamanho à medida que a resposta vai de “nada” a “muitíssimo”. Os espaços físicos alvo de avaliação por parte dos jovens são: a sala de estar, a sala de atividades, a

sala de refeições, a cozinha, o quarto, a sala multiusos, a casa de banho, o jardim e o Lar de uma forma geral. Para todos os espaços anteriormente descritos, os jovens terão que responder sobre se, por exemplo: “A sala de estar é ESTIMULANTE.”, “A sala de estar é EXCITANTE.”, “A sala de estar é AGRADÁVEL.”, “A sala de estar é RELAXANTE.”, “A sala de estar é SOSSEGADA.”, “A sala de estar é TRISTE.”, “A sala de estar é DESAGRADÁVEL.”, “A sala de estar é PERTURBADORA.”. Constituiu-se uma variável compósita para cada divisão através da média aritmética para verificação da sua consistência interna através do Alpha de Cronbach. Os resultados obtidos mostram boa consistência interna nas divisões: Sala de Refeições (0,610); Quarto (0,646) e; Cozinha (0,660) e má consistência na Sala de Estar (0,435).

O questionário “Escala da Satisfação com a Vida” (Neto, 1993), versão portuguesa (Anexo D), é constituído por cinco itens, (exemplo: “Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida.”). O tipo de resposta é do tipo Lickert com 7 pontos que varia de um “Fortemente em desacordo” a sete “Fortemente em acordo”. Características psicométricas do autor (*Alfa de Cronbach*= 0.78). Características psicométricas do questionário aplicado aos participantes do presente estudo (*Alpha de Cronbach*=0,554).

O último questionário aplicado foi o “Questionário de Vinculação ao Lugar” (Magalhães & Calheiros, 2015), (Anexo E). A versão incluiu 19 itens de análise, distribuídos em cinco dimensões: identificação ao lugar (itens 1, 3, 5, 10, 11, 14); a dependência do lugar (itens 4,7,16,18), ligação institucional (itens 8, 15, 17), cuidadores de referência (itens 2, 6, 13, 19) e amigos (itens 9, 12). Em termos de pontuação e interpretação, a pontuação de cada dimensão resulta da soma desses itens, bem como no caso da dimensão global. As características psicométricas no estudo de Magalhães e Calheiros (2015) revelam boa consistência interna (*Alfa de Cronbach*: Identidade de lugar (0.87), Ligação institucional (0.81), Dependência ao lugar (0.81), Ligação aos cuidadores (0.72) Ligação aos amigos/pares (0.83). Os resultados obtidos na presente investigação relevam igualmente uma boa consistência interna nas respostas dadas em geral (*Alpha de Cronbach*=0,942), assim como nas cinco áreas: Identidade de lugar (α =0,893), Ligação institucional (α =0,590), Dependência ao lugar (α =0.804), Ligação aos cuidadores (α =0,790) Ligação aos amigos/pares (α =0,821).

Procedimentos

Foram convidadas a participar no presente estudo cinco CAR de crianças e jovens do Arquipélago dos Açores, duas mistas, duas femininas e uma masculina. Os pedidos de colaboração encontram-se em anexo (Anexo F) e obtiveram resposta positiva.

Posteriormente algumas CAR solicitaram reunião presencial para discussão de objetivos e implicações como o “Consentimento Informado dos pais/responsáveis legais” (Anexo G).

A aplicação foi individual, tendo sido aplicados os quatro instrumentos aos jovens e um instrumento aplicado à equipa técnica do CAR participante sobre a “Caracterização do Lar de Infância e Juventude”.

Antes da recolha de dados com os jovens, foi solicitada autorização aos pais ou tutores, através de consentimento informado, garantido pelas equipas técnicas de cada lar. A recolha fez-se posteriormente em cada CAR, individualmente. No momento da recolha esteve presente um elemento da equipa técnica do lar e a investigadora. Exceção feita para um grupo de 20 jovens, que por motivos éticos foi apenas acompanhado por um elemento convidado para o efeito, e não pela investigadora (uma vez que assume simultaneamente funções de técnica nos respetivos CAR). O consentimento informado dos jovens foi preenchido pelos próprios no momento da recolha (Anexo H), havendo espaço para que todos tivessem oportunidade de serem esclarecidos quanto aos objetivos gerais do estudo, tempo estimado e características da sua participação; direito a recusar participar no estudo, e a interromper a participação em qualquer momento; eventuais riscos, desconfortos ou outros efeitos adversos associados à participação; eventuais benefícios associados à participação; eventuais limites à confidencialidade; disponibilizar o contacto caso desejar colocar dúvidas sobre o processo de investigação e para que estas fossem devidamente esclarecidas (Ética na investigação – melhores práticas, melhor Ciência, ISCTE-IUL, 2016).

Foi acordado dar feedback dos resultados gerais a todos os lares que participaram no projeto, assim como aos jovens.

III Resultados

Para analisar as propriedades afectivas dos espaços foi efectuada uma análise ao nível descritivo, através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 22. As análises foram realizadas isoladamente para cada divisão/espço avaliado.

Propriedades Afectivas do Espaço Físico

Para verificar se as propriedades afectivas atribuídas às divisões (sala de estar, sala de estudo, sala de refeições, cozinha, quarto, sala multiusos, casa de banho, jardim e lar em geral), se correlacionavam entre si foi calculado o coeficiente de correlação r de Pearson.

Verificou-se, que estamos perante correlações positivas e significativas das perceções afectivas de diferentes divisões, sendo que as correlações mais fortes se estabelecem entre: propriedades afectivas da sala de estudo (SEstu) e as propriedades afectivas da cozinha (Coz) ($r(52)=0.633, p=0,068$); as propriedades afectivas da sala de estar (SE) e as propriedades afectivas da sala de estudo (SEstu) ($r(52)=0.529, p=0,089$); as propriedades afectivas da sala de estudo (SEstu) e as propriedades afectivas do jardim (Jard) ($r(52)=0.463, p=0,104$), e; as propriedades afectivas da sala de refeições (SR) e as propriedades afectivas do jardim (Jard) ($r(52)=0.442, p=0,109$).

Sala de estar.

A sala de estar é caracterizada pelos jovens como mediamente Agradável ($M=3,71; DP=1,160$), Estimulante ($M=3,40, DP=1,142$), Relaxante ($M=3,12, DP=1,45$) e Excitante ($M=2,98, DP=1,407$). As propriedades Sossegada ($M=2,46, DP=1,179$), Perturbadora ($M=2,25, DP=1,412$), Triste ($M=1,92, DP=1,266$) e Desagradável ($M=1,77, DP=1,182$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 3*).

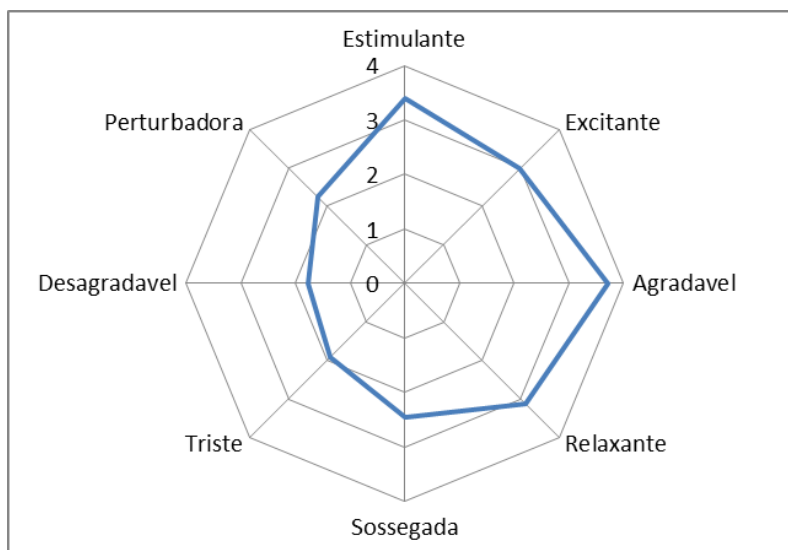


Figura 3: *Propriedades afetivas da sala de estar.*

Sala multiusos.

A sala multiuso é caracterizada pelos jovens medianamente Agradável ($M=3,56$; $DP=1,474$), Estimulante ($M=3,52$, $DP=1,590$), Relaxante ($M=3,33$, $DP=1,712$), Excitante ($M=3,31$, $DP=1,615$) e Sossegada ($M=3,31$, $DP=1,675$). As propriedades Perturbadora ($M=2,10$, $DP=1,672$), Desagradável ($M=1,81$, $DP=1,597$) e Triste ($M=1,77$, $DP=1,542$) são pouco atribuídas a este espaço (Figura 4).

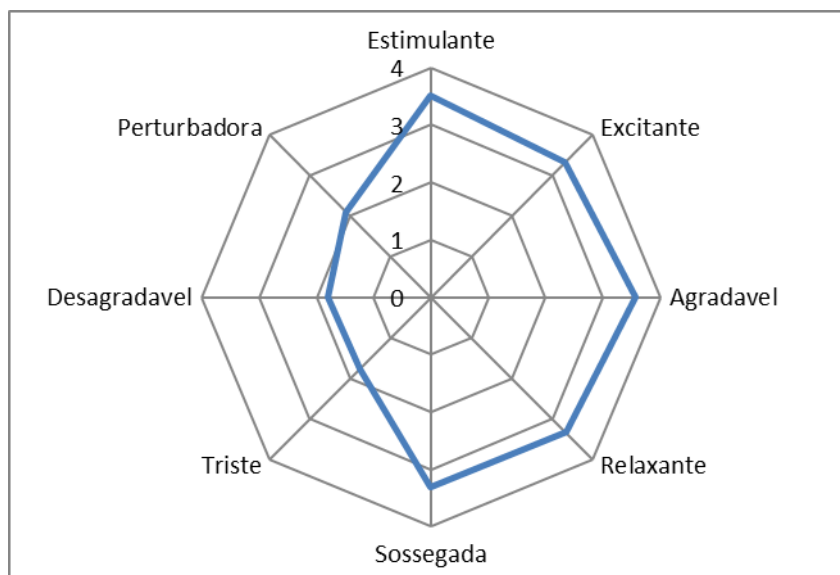


Figura 4: *Propriedades afetivas da sala multiusos.*

Sala de refeições.

A sala de refeições é considerada pelos residentes sobretudo como Agradável ($M=3,98$; $DP=1,038$), Estimulante ($M=3,71$, $DP=1,109$), Relaxante ($M=3,15$, $DP=1,334$), Sossegada ($M=3,02$, $DP=1,336$) e Excitante ($M=2,94$, $DP=1,434$). As propriedades Perturbadora ($M=1,83$, $DP=1,167$), Desagradável ($M=1,48$, $DP=0,804$) e Triste ($M=1,48$, $DP=0,960$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 5*).

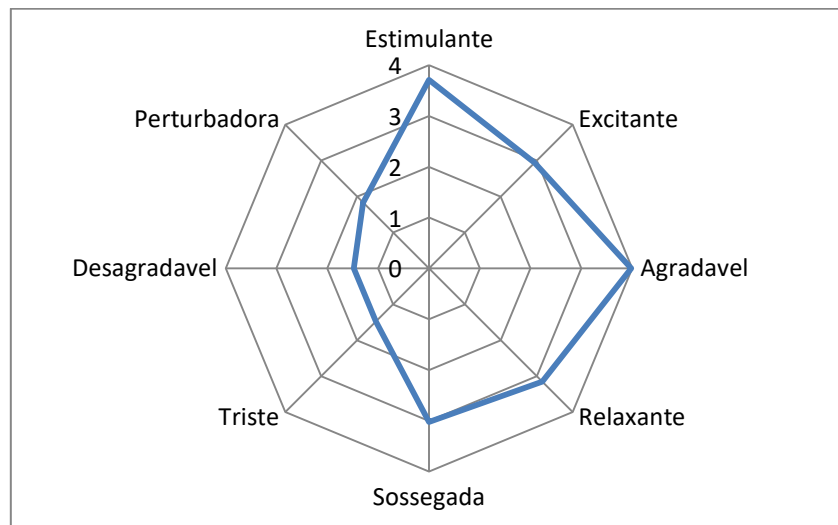


Figura 5: *Propriedades afetivas da sala de refeições.*

Cozinha.

A cozinha é considerada pelos residentes sobretudo como Estimulante ($M=3,65$, $DP=1,266$), Agradável ($M=3,56$; $DP=1,305$), Sossegada ($M=2,83$, $DP=1,438$), Excitante ($M=2,79$, $DP=1,419$), e Relaxante ($M=2,73$, $DP=1,402$). As propriedades Perturbadora ($M=1,90$, $DP=1,287$), Desagradável ($M=1,54$, $DP=0,939$) e Triste ($M=1,48$, $DP=0,896$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 6*).

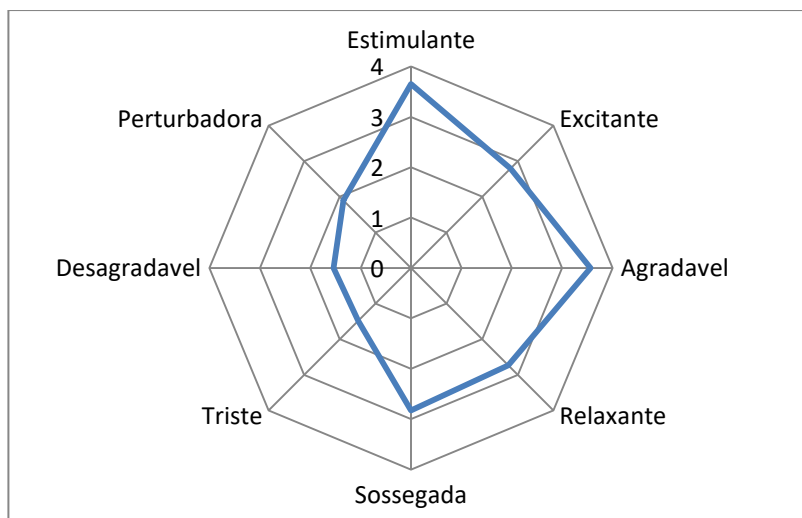


Figura 6: *Propriedades afetivas da cozinha.*

Quarto.

O quarto é considerado, pelos residentes, sobretudo como Sossegado ($M=4,29$, $DP=0,893$), Agradável ($M=4,25$; $DP=0,947$), Estimulante ($M=4,23$, $DP=1,002$), Relaxante ($M=4,23$, $DP=0,983$) e Excitante ($M=3,67$, $DP=1,478$). As propriedades Perturbadora ($M=1,77$, $DP=1,246$), Triste ($M=1,50$, $DP=1,000$) e Desagradável ($M=1,40$, $DP=0,975$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 7*).

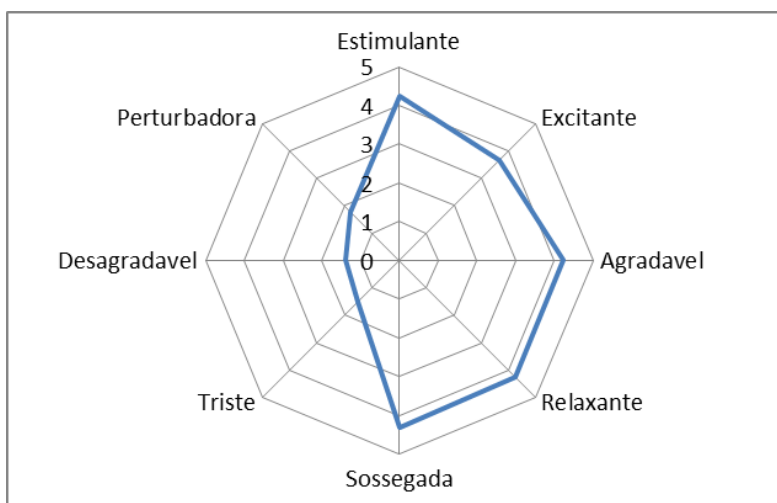


Figura 7: *Propriedades afetivas do quarto.*

Casa de banho.

A casa de banho é considerada pelos residentes sobretudo como Agradável ($M=3,54$; $DP=1,364$), Sossegada ($M=3,46$, $DP=1,364$), Relaxante ($M=3,42$, $DP=1,446$), Estimulante ($M=3,12$, $DP=1,517$), e Excitante ($M=2,88$, $DP=1,529$). As propriedades Desagradável ($M=1,79$, $DP=1,289$), Perturbadora ($M=1,73$, $DP=1,239$) e Triste ($M=1,52$, $DP=0,939$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 8*).

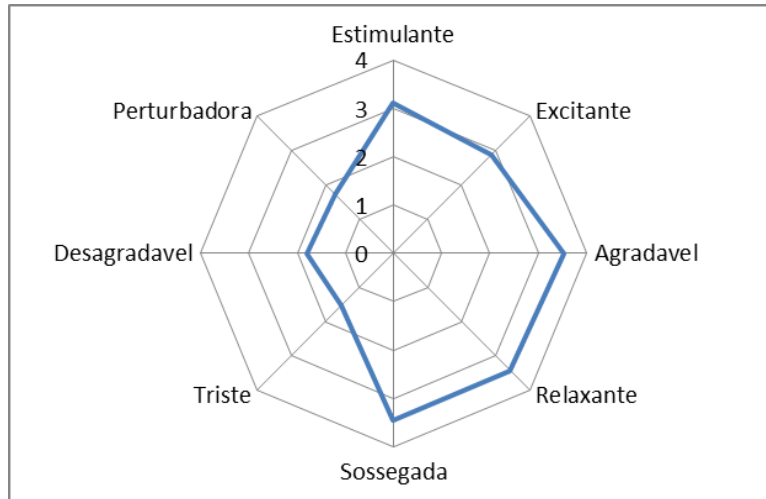


Figura 8: *Propriedades afetivas da casa de banho.*

Jardim.

O jardim é considerado pelos residentes sobretudo como Agradável ($M=4,04$; $DP=1,608$), Estimulante ($M=3,75$, $DP=1,607$), Relaxante ($M=3,71$, $DP=1,649$), Sossegado ($M=3,46$, $DP=1,674$) e Excitante ($M=3,31$, $DP=1,766$). As propriedades Perturbadora ($M=2,29$, $DP=1,808$), Desagradável ($M=2,12$, $DP=1,789$) e Triste ($M=2,04$, $DP=1,782$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 9*).

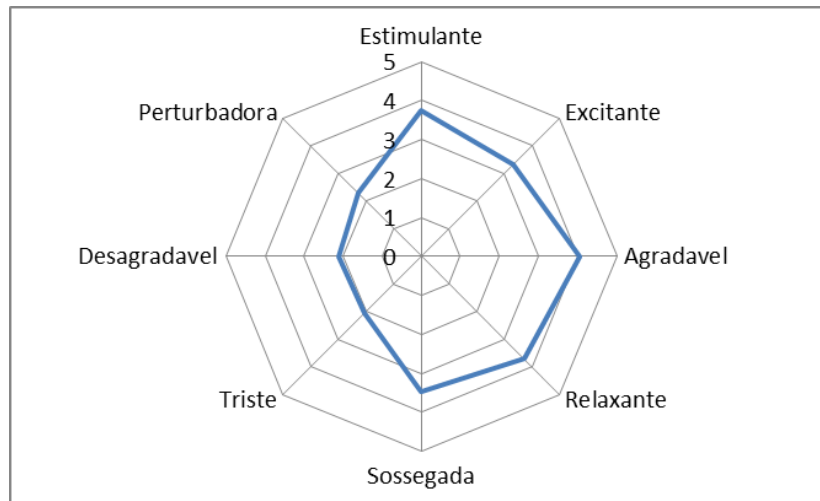


Figura 9: *Propriedades afetivas do jardim.*

Sala de estudo.

A sala de estudo é considerada pelos residentes sobretudo como Agradável ($M=3,96$; $DP=1,154$), Estimulante ($M=3,75$, $DP=1,297$), Sossegado ($M=3,40$, $DP=1,498$), Relaxante ($M=3,35$, $DP=1,532$) e Excitante ($M=3,17$, $DP=1,491$). As propriedades Perturbadora ($M=2,23$, $DP=1,554$), Triste ($M=2,17$, $DP=1,568$), e Desagradável ($M=2,08$, $DP=1,545$) são pouco atribuídas a este espaço (Figura 10).

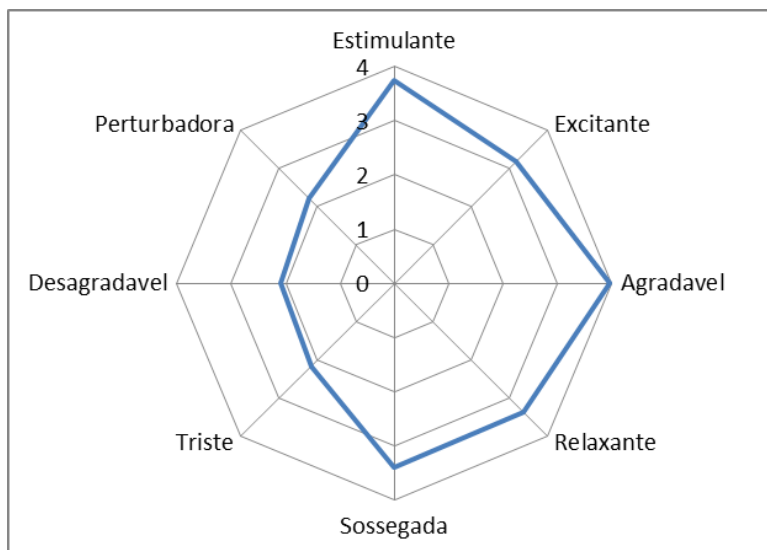


Figura 10: *Propriedades afetivas da sala de estudo.*

A CAR.

A CAR, em geral, é considerada, pelos residentes, sobretudo como Estimulante ($M=3,90$, $DP=1,347$), Agradável ($M=3,88$; $DP=1,182$), Relaxante ($M=3,54$, $DP=1,335$), Excitante ($M=3,44$, $DP=1,539$) e Sossegado ($M=3,15$, $DP=1,420$). As propriedades Triste ($M=2,00$, $DP=1,283$), Perturbadora ($M=1,94$, $DP=1,290$) e Desagradável ($M=1,83$, $DP=1,279$) são pouco atribuídas a este espaço (*Figura 11*).

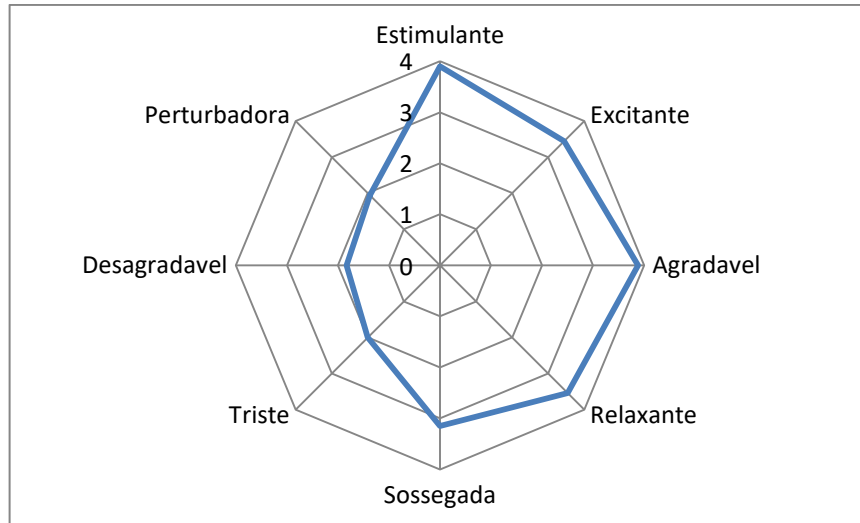


Figura 11: *Propriedades afetivas do lar, em geral.*

Relações Entre as Variáveis

Relação entre a qualidade afetiva do espaço físico e satisfação com a vida.

No que toca à correlação entre os resultados do questionário da Qualidade Afetiva do Espaço Físico e o questionário de Satisfação com a vida, observou-se uma correlação positiva significativa, ($r=0,474$; $p=0,000$). Isto significa que níveis mais elevados de qualidade afetiva do espaço físico do lar estão associados a níveis superiores de satisfação com a vida. Do mesmo modo, a análise de regressão efetuada revelou efeitos significativos ($F(1,51)=14,469$, $p=0,000$) com um coeficiente de regressão de $\beta=0,562$, $p=0,000$. Assim, podemos concluir que a qualidade afetiva dos espaços físicos prediz, significa e positivamente a satisfação com a vida.

Relação entre a qualidade afetiva do espaço físico e a vinculação ao lugar.

No que toca à correlação entre os resultados do questionário da Qualidade Afetiva do Espaço Físico e o questionário de Vinculação ao lugar, observou-se uma correlação positiva significativa, ($r=0,674$; $p=0,000$). Isto significa que níveis mais elevados de percepção da qualidade afetiva do espaço físico estão associados a níveis superiores de vinculação ao lugar. Quando comparados os valores de cada uma das cinco dimensões da vinculação ao lugar, é possível observar que todas são significativas: Identidade de lugar: $r=0,701$, $p=0,000$; Ligação à instituição: $r=0,653$, $p=0,000$; Dependência do lugar: $r=0,564$, $p=0,000$; Ligação aos amigos/cuidadores: $r=0,509$, $p=0,000$, e; Ligação aos cuidadores: $r=0,394$, $p=0,004$.

Do mesmo modo, a análise de regressão efetuada revelou efeitos significativos entre a dimensão Identidade de lugar, uma das cinco dimensões da vinculação ao lugar e a qualidade afetiva do espaço físico, com um coeficiente de regressão de $\beta=0,520$, $p=0,016$ (sendo que os restantes valores foram os seguintes: Dependência de lugar: $\beta=0,055$, $p=0,766$; Ligação à instituição: $\beta=0,325$, $p=0,103$; Ligação aos cuidadores: $\beta=-0,067$, $p=0,620$; Ligação aos amigos/pares: $\beta=-0,117$, $p=0,508$).

Assim, podemos concluir que a qualidade afetiva dos espaços físicos prediz, significa e positivamente a vinculação ao lugar.

Relação entre a satisfação com a vida e vinculação ao lugar.

No que toca à correlação entre os resultados do questionário da Satisfação com a vida e o questionário de Vinculação ao lugar, observou-se uma correlação positiva significativa, ($r=0,310$; $p=0,025$). Isto significa que níveis mais elevados de vinculação ao lugar estão associados a níveis superiores de satisfação com a vida. Considerando as cinco dimensões da Vinculação ao lugar, os resultados apontam para uma correlação positiva significativa nas dimensões: Identidade ao lugar ($r=0,388$; $p=0,004$, $p>0,01$) e Ligação à instituição ($r=0,285$; $p=0,040$, $p>0,05$). Significa que níveis mais elevados de satisfação com a vida estão associados a resultados superiores de Identidade do lugar e Ligação à instituição.

Do mesmo modo, a análise de regressão efetuada revelou efeitos significativos ($F(1,50)= 5,329$, $p=0,025$), com um coeficiente de regressão de $\beta=0,31$, $p=0,025$. Assim,

podemos concluir que a vinculação ao lugar prediz, significa e positivamente, a satisfação com a vida (*Quadro 4*). Se observarmos os resultados comparando os valores de β das 5 dimensões da vinculação ao lugar, verifica-se que é a Identidade de lugar que maior relação tem com a satisfação com a vida: $\beta=0,644$, $p=0,000$ (Dependência do lugar: $\beta=0,291$, $p=0,243$; Ligação à instituição: $\beta=-0,006$, $p=0,985$; Ligação aos cuidadores: $\beta=-0,046$, $p=0,815$; Ligação aos amigos/pares: $\beta=-0,016$, $p=0,944$).

2.2.1 Relação entre satisfação com a vida, vinculação ao lugar em função do sexo.

Para verificar se as respostas dos jovens relativamente à percepção da Satisfação com a vida e Vinculação ao lugar, variam consoante o sexo, foram testados os pressupostos da normalidade, tendo-se verificado as condições necessárias para prosseguir com a análise. Posteriormente foi realizado o teste *t* de *student* para amostras independentes.

Os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas quer ao nível da Satisfação com a Vida, quer ao nível da Vinculação ao lugar, em função do sexo (*Quadro 5*).

2.2.2 Relação entre a satisfação com a vida, vinculação ao lugar em função da idade.

Para verificar se existem diferenças relativamente à percepção da Satisfação com a vida e a Vinculação ao lugar, em função de grupos de idades dos jovens, efectuou-se uma recodificação da variável idade por 3 escalões etários (12-14 anos; 15-17 anos; 18-21 anos), e de seguida foram testados os pressupostos da normalidade. Posteriormente, foi realizado o teste ANOVA, no caso da Satisfação com a vida e o teste de Kruskal-Wallis no caso da Vinculação ao lugar (ver *Quadro 6*).

2.1.3 Relação entre a satisfação com a vida, vinculação ao lugar em função do tempo de acolhimento.

Realizada uma correlação entre o tempo de acolhimento, a Satisfação com a Vida e a com a Vinculação ao Lugar, confirma-se que as variáveis não estão correlacionadas. A correlação entre a Vinculação ao Lugar e o tempo de acolhimento é não significativa

($r(51)=0,082$; $p=0,567$). A correlação entre a Satisfação com a vida e o tempo de acolhimento é não significativa ($r(51)=0,012$; $p=0,935$).

2.2.4 Relação entre a satisfação com a vida, vinculação ao lugar em função da lotação.

Com o objetivo de verificar se as respostas dos participantes, relativamente à percepção da Satisfação com a vida e Vinculação ao lugar, variam consoante a dimensão da casa de acolhimento, efectuou-se uma recodificação da variável dimensão da casa de acolhimento (10 ou menos e mais de 10) e, de seguida foram realizadas análises através do teste *t* de *student* para amostras independentes. Tendo-se verificado as condições necessárias para prosseguir com a análise.

Os resultados indicam que não existem diferenças significativas sobre os resultados de Satisfação com a vida e Vinculação ao lugar e o número de crianças/jovens acolhidos na casa de acolhimento (*Quadro 8*).

Relação entre a qualidade afetiva do espaço físico, satisfação com a vida e a vinculação ao lugar.

Por fim, para perceber se existia, ou não relação entre a qualidade afetiva do espaço do CAR, a satisfação com a vida e a vinculação ao lugar, foi analisada a correlação entre as três variáveis (*Quadro 9*). Verificou-se que a correlação é significativa e que, de facto, quando a avaliação da qualidade afetiva do espaço físico do CAR aumenta, aumentam também a vinculação ao lugar ($r(52)=0,674$; $p=0,000$) e a satisfação com a vida ($r(52)=0,474$; $p=0,000$).

IV Discussão e Conclusões

Com o estudo pretendia-se explorar de que forma os jovens em acolhimento residencial descrevem os espaços físicos das CAR. Em geral os participantes descreveram a casa de acolhimento como um espaço físico que lhes transmite afetividade positiva, uma vez que as respostas se referiam a adjetivos como: AGRADÁVEL, SOSSEGADA, EXCITANTE, RELAXANTE e ESTIMULANTE e usavam menos adjetivos como: DESAGRADÁVEL, PERTURBADORA, e TRISTE. Já Nunes (2014) tinha concluído que os jovens acolhidos descreviam as casas de acolhimento de forma positiva.

Nas divisões: Sala de Multiusos, Sala de Refeições, Cozinha, Quarto, Casa de banho, Jardim, Sala de Estudo, e o Lar (geral), os jovens pontuam alto em adjetivos opostos do Modelo Bidimensional (Russel & Pratt, 1980), são eles: ESTIMULANTE e SOSSEGADO. Os pólos RELAXANTE e EXCITANTE não são postos no Modelo Bidimensional, no entanto, também estão presentes em simultâneo em todas as divisões. Este resultado pode ser explicado pelo fato dos jovens considerarem que os espaços referidos lhes promovam afetividade variada, o que pode ser positivo, pois desta forma sentem que nesses espaços, na maioria partilhados, podem: tanto estarem sossegados/relaxados, e: em simultâneo poderem, sentir-se estimulados/excitados. A mesma relação não acontece apenas na divisão Sala de Estar, aqui os jovens responderam: AGRADÁVEL, EXCITANTE, RELAXANTE e ESTIMULANTE, nenhum dos adjetivos são opostos no Modelo Bidimensional.

No que se refere à relação entre qualidade afetiva do espaço físico e o bem estar subjetivo dos jovens em acolhimento, verificou-se que sempre que a qualidade afetiva do espaço físico aumenta, aumenta também o bem estar subjetivo.

O estudo revela ainda que as jovens do sexo feminino apresentam resultados mais elevados de bem estar, do que os jovens do sexo masculino. O mesmo não se verifica nos resultados da avaliação da qualidade afetiva dos espaços físicos, nem da vinculação ao lugar.

Ao analisar o segundo objetivo, que complava a compreensão da relação entre a perceção da qualidade afetiva do espaço físico e a vinculação ao lugar, encontrou-se uma relação positiva relacionada, em particular com as dimensões: Identidade de lugar e

Dependência do lugar, duas das cinco dimensões da vinculação ao lugar. Isto significa que ao fomentar estas dimensões, melhor poderá ser a percepção do espaço físico por parte dos jovens em acolhimento residencial.

Quanto a analisar o papel da Vinculação ao lugar no que diz respeito ao bem estar subjetivo de jovens em acolhimento residencial, a relação encontrada foi significativa. Estes resultados vão de encontro aos resultados de Magalhães (2015), que no seu estudo confirma o papel mediador da vinculação ao lugar na relação entre direitos e bem estar psicológico.

Verificou-se relação entre a qualidade afetiva do espaço físico dos CAR, a Satisfação com a vida e a Vinculação ao lugar. Quando a avaliação da qualidade afetiva do espaço físico aumenta, aumentam também a Vinculação ao lugar e a Satisfação com a vida. A dimensão da Vinculação ao lugar que melhor contribui para o aumento dos resultados da qualidade afetiva do espaço é a Identidade de lugar. As questões relacionadas com as questões de Identidade de lugar relegam-nos para as questões de pertença à instituição (questões que compõem esta dimensão: “Viver nesta instituição diz muito sobre quem eu sou.”, “ Identifico-me fortemente com esta instituição.”, “Estou muito ligado a esta instituição.”, “Esta instituição significa muito para mim.”, “Sinto que esta instituição é uma parte de mim.”, “Esta instituição é muito especial para mim.”).

Este resultado vai de encontro do sugerido por Lewicka (2011) que, ao estudar como os indivíduos desenvolvem a Vinculação ao lugar, destaca a qualidade das rotinas (previsibilidade) realizadas nesse espaço, pois aumentam o sentido de pertença ao mesmo. Para além disso, Lewicka (2011) ressalva a importância dos princípios base em que os espaços físicos se estruturam. No caso da presente investigação, focada em jovens em acolhimento residencial, pode inferir-se que a “missão” e “visão” das CAR podem influenciar a vinculação ao lugar dos residentes. Quanto mais os indivíduos se identificarem com os princípios base da instituição, maior será a sua identificação à mesma.

Quanto ao último objetivo proposto para este trabalho, conclui-se que existe uma relação positiva entre as três variáveis (Qualidade afetiva do espaço físico, Satisfação com a vida e Vinculação ao lugar), quanto melhor a avaliação afetiva do espaço físico,

maior o bem estar subjetivo (Satisfação com a vida) e a Vinculação ao lugar, dos jovens em acolhimento.

No que toca à comparação por idades, tempo de acolhimento e dimensão da casa de acolhimento residencial, não se verificaram quaisquer relações significativas com os resultados da avaliação da qualidade afectiva dos espaços físicos, da vinculação ao lugar e do bem estar.

Estes resultados são relevantes na medida em que apoiam a importância do investimento/melhoramento das CAR e que essas melhorias não se devem prender apenas em questões meramente estruturais, mas dando igualmente importâncias às questões relacionadas com os princípios, regulamento interno, reforçando a mesma.

No que se refere às suas limitações, um dos aspetos a ter em conta neste trabalho é o reduzido número de participantes. Seria importante contar com um número mais alargado de crianças e jovens. Seria igualmente interessante estudar se o potencial efeito mediador da Vinculação ao lugar na relação entre a avaliação afetiva dos espaços físicos e a Satisfação com a vida. Considera-se ainda que seria interessante validar os referidos questionários para que houvesse maior segurança de que os jovens compreendem os conceitos. Todavia, consideramos que as limitações aqui expostas podem representar pontos de partida para a realização de outros estudos, de forma a colmatar as lacunas existentes.

Em síntese, consideramos que o presente trabalho apresenta contributos teóricos e práticos relevantes. No que diz respeito à teoria, procuramos abordar um tema e aplicar instrumentos pouco utilizados em Portugal ou internacionalmente sobre as propriedades afetivas, em contexto do acolhimento residencial. Essa abordagem permite obter a avaliação dos intervenientes sobre o espaço “ideal” de acolhimento podendo contribuir para a construção de espaços mais adequados às necessidades dos residentes e a um melhor cumprimento da missão das CAR.

Espera-se que a realização deste trabalho contribua para consciencializar sobre a importância: de avaliar a perspectiva das crianças e jovens em acolhimento residencial; das propriedades afetivas, do bem estar subjetivo e vinculação ao lugar em jovens em acolhimento residencial, e; que ajude a fundamentar melhorias ao serviço prestado a esta população.

Fontes

Diário da República – I Série n.º 175. Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo – Lei 142/2015, de 8 de setembro.

Diário da República – II Série A. Plano DOM — Desafios, Oportunidades e Mudanças - Despacho n.º 8393/2007, de 10 de Maio.

Ética na investigação – melhores práticas, melhor ciência. ISCTE-IUL (2016).

Instituto de Segurança Social (2017). *CASA 2016 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Disponível em: http://www.seg-social.pt/noticias/-/asset_publisher/9N8j/content/id/15294742

Instituto da Segurança Social, I.P. (2010a). *Recomendações técnicas para equipamentos sociais – Centros de Acolhimento Temporário*. Lisboa: ISS, I.P.

Instituto da Segurança Social, I.P. (2010b). *Recomendações técnicas para equipamentos sociais – Lar de Infância e juventude*. Lisboa: ISS, I.P.

Referências

- Almeida, A., & Fernandes, N. (2010). *Intervenção com crianças, jovens e famílias: estudos e práticas*. Coimbra: Almedina.
- Bentley, E. (1969). *O teatro engajado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Bonnes, M. & Carrus, G. (2004). Environmental Psychology, overview. In C. Spielberger (Ed.). *Encyclopedia of Applied Psychology* (801-814). New York: Elsevier.
- Brofenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Calheiros, M., Graça, J. & Patrício, J. (2011). *Casa de Acolhimento Temporário. Relatório para discussão da avaliação*. Centro de investigação e intervenção social.
- Day, C. & Midbjer, A. (2007). *Environment and children: Passive lessons from the everyday environment*. Oxford: Architectural Press.
- Dessen, M. & Polonia, A. (2007). *A Família e a Escola como contextos de Desenvolvimento Humano*. Paidéia Brasil, (36), 21-32.
- Docherty, C., Kendrick, A., Sloan, P. & Lerpiniere, J. (2006). *Designing with care: interior design and residential child care*. Glasgow: Farm 7 and SIRCC.
- Evans, G. W. & Cohen, S. (2004). Environmental stress. *Encyclopedia of Applied Psychology*, 1, 815-824.
- Ferreira, Z. (2011). *Percepção do estado de saúde da pessoa idosa institucionalizada*. Tese Mestrado em Saúde e Envelhecimento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa- Faculdade de Ciências Médicas.
- Freire, J. & Vieira, E. (2007). Uma escuta ética da psicologia ambiental. *Psicologia & Sociedade*, 18 (2), 32-37.

- Gallindo, L. (1981). *A psicologia comunitária como agente de transformações sociais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Giddens, A. (2010). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, A. (1999). Psicologia Comunitária: uma Abordagem Conceitual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2), 71-79.
- Green, R. & Goldfried, M. (1965). On the bipolarity of semantic space. *Psychological Monographs: general and applied*, 79 (6), 599.
- Hall, E. (1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lewicka, M. (2011). Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, 31, 207-230.
- Machado, W. & Bandeira, D. (2012). Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 29, 587-595.
- Magalhães, E. (2015). *Psychosocial functioning of adolescents in residential care: the mediator and moderator role of socio-cognitive, relational and individual variables*. Tese de doutoramento em Psicologia. Lisboa: Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL.
- Magalhães, E. & Calheiros, M. (2015). Psychometric properties of the Portuguese version of place attachment scale for youth in residential care. *Psicothema*, 27 (1), 65-73.
- Marques, A. (2013). *Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados: Auto estima e Figuras Significativas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior Miguel Torga.
- Martins, P. (2004). *Protecção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco – Representações sociais, modos e espaços*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho: Instituto de Estudos da Criança.

- Martins, P. (2005). A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens— As Respostas Institucionais. *VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em risco: será possível converter o risco em oportunidade?* Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 23 de Maio de 2005.
- McNair, D., Lorr, M., & Droppleman, L. (1971). *Manual for the Profile of Mood States*. San Diego, CA: Educational and Industrial Testing Services.
- McNair, D. M. & Lorr, M. (1964). An analysis of mood in neurotics. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 69, 620-627.
- Meddis, R. (1972). Bipolar factors in mood adjective check lists. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 11, 178-184.
- Melkman, E. (2015). Risk and protective factors for problem behaviors among youth in residential care. *Children and Youth Services Review*, 51, 117–124.
- Montero, M. (1994). Vidas Paralelas: Psicología Comunitária en Latinoamérica y en Estados Unidos. In M. Montero (Ed.), *Psicología Social Comunitária - Teoría, método y experiencia* (pp. 19-46). México: Univ. Guadalajara.
- Moser, G. (1998). Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, 3 (1), 121-130.
- Mota, C. & Matos, P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspetiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377.
- Mota, C. & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 245-254.
- Muga, H. (2005). *Psicologia da Arquitectura*. Lisboa: Gailivro.
- Neto, F. (1993). The satisfaction with life scale: Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, Volume 22, Issue 2, pp 125–134.

- Nowlis, V. (1965). *Research with the mood adjective checklist*. Affect, Cognition and Personality. New York: Springer.
- Nunes, A. (2014). *Avaliação das Propriedades Afetivas: Análise Comparativa entre dois Espaços Físicos*. Tese de Mestrado em Psicologia. Lisboa: Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL.
- Papanek, V. (1971). *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change*. New York: Pantheon Books.
- Pinchover, S. & Attar-Schwartz, S. (2014). Institutional social climate and adjustment difficulties of adolescents in residential care: The mediating role of victimization by peers. *Children and Youth Services Review*, 44, 393–399.
- Queiros, M. (2007). *As cores nos projectos de interiores*. (Online) Disponível em de http://www.fau.ufrj.br/prologar/assets/cores_no_projeto_monica2.pdf.
- Scannell, L. & Gifford, R. (2010). The relations between natural and civic place attachment and pro-environmental behavior. *Journal of Environmental Psychology*, 30 (3), 289-297.
- Russell, G. (1979) Bulimia nervosa: an ominous variant of anorexia nervosa. *Psychological Medicine*, 9, 429-448.
- Russell, J. A., & Mehrabian, A. (1977). Evidence for a three-factor theory of emotions. *Journal of Research in Personality*, 11, 273–294.
- Russel, J. & Pratt, G. (1980). A Description of the Affective Quality Attributed to Environments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38 (2), 311-322.
- Sandomingo, J. (1998). *Centros de Menores, de onte a hoxe*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Schlosberg, H. S. (1952). The description of facial expressions in terms of two dimensions. *Journal of Experimental Psychology*, 44, 229-237.

- Siqueira, M. & Padovan, V. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 201-209.
- Távora, F. (2006). *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP.
- Thayer, R. (1967). Measurement of activation through self-report. *Psychological Reports*, 20, 663-678.
- Toumbourou, J., Olsson, C., Rowland, B., Renati, S., & Hallam, B. (2014). Health Psychology Intervention in Key Social Environments to Promote Adolescent Health. *Australian Psychologist*, 44, 66–74.
- Wiggins, J. (1979). A psychological taxonomy of trait-descriptive terms: The interpersonal domain. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 395–412.
- Wolf, S. (2011). *O Sentido da Vida*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

Quadro 1

Efeitos psicofisiológicos das cores

Cores	Efeitos Psicofisiológicos
Preto	Corresponde à ausência da cor. Simboliza a obscuridade, o mistério, o desconhecido, o poder, a sujidade, o demónio, a morte, a tristeza, a dor, o desespero, a seriedade, a nobreza, a elegância, a distinção, etc.
Branco	Como a branca cor não existe, visto ser a combinação de todos os comprimentos de onda. Simboliza a luz, o nascimento, a alma, a pureza, a paz, a inocência, a limpeza, a simplicidade, a divindade, etc.
Violeta	remete para os desejos e sonhos, apela à paixão, proximidade e calma. Simboliza a igreja, a aristocracia, o poder, a morte, o mistério, o sonho, o mar profundo, a espiritualidade, o misticismo, a calma, o autocontrolo, a intimidade, a fantasia, a dignidade, a justiça, a traição, a agressividade, a violência, etc.
Azul	Calma, tranquilidade, frescura, em tonalidades fortes pode remeter para a introspecção, solidão e frio. Simboliza o céu, o mar, o frio, o infinito, o espaço, a verdade, a intelectualidade, a harmonia, o silêncio, a reserva, a transcendência, a crença, a confiança, a amizade, etc.
Verde	Calmante, refrescante, suavizante, levemente aromático e regulador. Simboliza a humidade, a frescura, a natureza, a primavera, a fertilidade, a juventude, a saúde, o bem-estar, equilíbrio emocional, esperança, inveja, etc. No cinema simboliza a morte
Amarelo	Confere alegria ao ambiente, vivacidade, estimula a comunicação e o relaxamento. Simboliza a adolescência, o conhecimento, a imaginação, o orgulho, o gozo, o ciúme, o egoísmo, a inconsciência, etc
Laranja	Aumenta a auto-estima, aconchegante, torna a atmosfera mais dinâmica e divertida, exuberância, jovialidade e vitalidade. Simboliza o calor, a segurança, a - 33 - fertilidade, a sexualidade, a euforia, o prazer, etc.
Vermelho	Excitação, desejo, sensualidade, calor, proximidade, estimula a actividade psíquica e sexual, acelera a respiração. Simboliza a guerra, o fogo, a virilidade, a força, o poder, o perigo, o sangue, o erotismo, a agressividade, a glória, a coragem, o amor, a paixão, a luxúria, etc.

Quadro 2

Características demográficas dos participantes.

		N	%
Sexo	Feminino	27	51,9%
	Masculino	25	48,1%
Idade	12-14	14	26,9%
	15-21	38	73%
Tempo de acolhimento	Menos 1 ano	16	30,8%
	Entre 1 a 3 anos	16	30,8%
	Mais de 3 anos	19	36,5%
Escolaridade do jovem	Não frequenta	2	1,9%
	2º ou 3º ciclo	40	76,9%
	Secundário	8	17,3%
	Ensino profissional	2	3,8%
Reprovações escolares	Sem reprovações	8	15,4%
	1 ano	14	26,9%
	2, 3 ou 4 anos	30	57,8%
Idade do pai	Não sabe/não responde	8	15,4%
	Entre 33 e 62 anos	44	84,6%
Idade da mãe	Não sabe/não responde	3	5,8%
	entre 33 e 62 anos	49	94,2%
Estado civil dos pais	Divorciados/ Separados	32	61,5%
	Casados/união de facto	16	30,8%
	Viúvos	4	7,7%
Escolaridade do pai	Não sabe/não responde	17	32,7%
	1º ciclo	21	40,4%
	2º ou 3º ciclo	7	13,4%
	Secundário	5	9,6%
Escolaridade da mãe	Não sabe/não responde	10	19,2%
	1º ciclo	19	36,5%

	2º ou 3º ciclo	21	53,9%
	Secundário	1	1,9%
Profissão do pai	Não sabe/não responde	7	13,5%
	Não aplicável (morte)	8	15,4%
	Desempregado	7	13,5%
	Sector Primário	18	34,6%
	Sector Secundário	12	23%
		Não sabe/não responde/não aplicável (morte)	2
Profissão da mãe	Desempregada	34	65,4%
	Sector Primário	11	21,2%
	Sector Secundário	5	9,6%
		50	96,2%
Fratrías	1 Irmão	7	13,5%
	2 Irmãos	18	34,6%
	3 Irmãos	7	13,5%
	4 ou mais	18	34,6%
Irmãos acolhidos	Irmãos acolhidos	26	50%
	Não acolhidos	24	46,2%

Nota. A tabela caracteriza a amostra mediante as respostas recolhidas através do “Questionário sociodemográfico”. Os valores apresentados representam o número de respostas (N) e respetiva percentagem.

Quadro 3

Características das Casas de Acolhimento Residencial

Lotação das CAR	10 ou menos	35	67,3%
	Mais de 10	17	32,7%
Número de colaboradoras	5	31	59,6%
	4	6	11,5%
	6	7	13,5%
	7 a 9	8	15,3%
Equipa técnica	1 Psicólogo	30	57,7%
	2 Psicólogos	21	40,4%
	1 Assistente social	38	73,1%
	2 Assistentes sociais	6	11,5%
	Sem Assistente social	8	15,4%
	1 Educador/professor	6	11,5%
	Sem Educador/professor	46	88,5%
	Outra área	2	3,8%

Nota. Na tabela faz-se a descrição dos CAR, consoante o número e percentagem correspondente a quantas crianças ou jovens acolhe; o número de colaboradoras da equipa educativa, e; os elementos das equipas técnicas, mediante as suas formações base.

Quadro 4

Regressão entre as respostas à “Satisfação com a Vida” e a “Vinculação ao Lugar”

Dimensões	<i>t</i>	<i>p</i>
Identidade de lugar	2,507	0,016
Dependência ao lugar	0,300	0,766
Ligação à instituição	1,663	0,103
Ligação aos cuidadores	-0,500	0,620
Ligação aos amigos/pares	-0,668	0,508

Nota. A tabela apresenta os valores de *p* e de *t* na Regressão realizada entre as respostas ao questionário de “Satisfação com a vida” e as cinco dimensões do questionário da “Vinculação ao lugar”.

**p*<0,05

***p*<0,01

Quadro 5

Relação entre as respostas à “Satisfação com a Vida” e à “Vinculação ao Lugar” em função do sexo

	Satisfação com a Vida	Vinculação ao Lugar
<i>Feminino</i>	<i>M=4,274</i> <i>DP=1,065</i>	<i>M=3,465</i> <i>DP=0,168</i>
<i>Masculino</i>	<i>M=4,616</i> <i>DP=0,999</i>	<i>M=3,400</i> <i>DP=0,170</i>

Nota. A tabela reflecte a relação (Média e Desvio Padrão) entre o sexo dos participantes e as respostas do questionário da “Satisfação com a Vida” e do questionário da “Vinculação ao Lugar”.

Quadro 6

Relação entre as respostas à “Satisfação com a Vida” e à “Vinculação ao Lugar” em função da idade

	Satisfação com a Vida	Vinculação ao Lugar
12 - 14 anos	$M=4,414$	$M=3,409$
N=14	$DP=0,974$	$DP=0,931$
15 - 17 anos	$M=4,271$	$M=3,449$
N=28	$DP=1,084$	$DP=0,826$
18 - 21 anos	$M=4,940$	$M=3,426$
N=10	$DP=0,919$	$DP=0,924$

Nota. A tabela reflecte a relação (M e DP) entre a idade dos participantes e as respostas ao questionário da “Satisfação com a Vida” e ao questionário da “Vinculação ao Lugar”.

Quadro 7

Relação entre as respostas à “Satisfação com a Vida” e à “Vinculação ao Lugar” em função do tempo de permanência em acolhimento

	Satisfação com a Vida	Vinculação ao Lugar
Menos de 1 ano	$M=4,512$	$M=3,368$
N=16	$DP=0,966$	$DP=0,886$
De 1 a 3 anos	$M=4,0750$	$M=3,378$
N=16	$DP=1,092$	$DP=0,874$
Mais de 3 anos	$M=4,600$	$M=3,479$
N=19	$DP=0,241$	$DP=0,844$

Nota. A tabela reflecte a relação (M e DP) entre as respostas à “Satisfação com a Vida” e à “Vinculação ao Lugar” em função do tempo de permanência em acolhimento.

Quadro 8

Relação entre as respostas à “Satisfação com a Vida” e à “Vinculação ao Lugar” em função da lotação

	Satisfação com a Vida	Vinculação ao Lugar
10 ou menos N=35	$M=3,350$ $DP=0,856$	$M=3,606$ $DP=0,856$
Mais de 10 N=17	$M=4,447$ $DP=0,926$	$M=4,434$ $DP=1,102$

Nota. A tabela reflecte a relação (M e DP) entre as respostas o número de crianças e jovens que estão acolhidas no lar, e as respostas aos questionários de “Satisfação com a Vida” e “Vinculação ao Lugar”.

Quadro 9

Relação entre as respostas aos questionários de “Avaliação da Qualidade Afetiva do Espaço Físico”, “Vinculação ao Lugar” e “Satisfação com a Vida”

	Vinculação ao lugar	Satisfação com a vida
Qualidade afetiva do espaço físico	$r=0,474$ $p=0,000$	$r=0,674$ $p=0,000$

Nota. A tabela reflete em valores de correlação (r) e significância (p), entre as respostas aos questionários de “Avaliação da Qualidade Afetiva do Espaço Físico”, “Vinculação ao Lugar” e “Satisfação com a Vida”.

* $p<0,05$

** $p<0,01$

Anexos

Anexo A	57
Anexo B	58
Anexo C	59
Anexo D	65
Anexo E	66
Anexo F	68
Anexo G	69
Anexo H	70

Anexo A

Questionário de Caracterização do Lar de Infância e Juventude (para a Equipa Técnica)

Grelha de questões para a Equipa Técnica do LIJ

1. Quantas crianças e jovens estão acolhidas no lar, neste momento?

2. Quantos colaboradores/Ajudantes de lar dão apoio às crianças/jovens?

3. A Equipa Técnica do teu lar tem que especialidades?

	Quantos?
Psicólogo/a	
Assistente social	
Educador/professor	
Outra. Qual? _____	

Obrigada pela colaboração.

Anexo B

Questionário Sociodemográfico

Questionário sociodemográfico

Data: __/__/__

Idade: ____

Sexo: Feminino (___) Masculino (___)

Ano de Escolaridade: _____

Número de reações: _____

1. Qual a idade dos teus pais? Pai ____ Mãe ____

2. Nível de escolaridade dos pais:

	Pai	Mãe
1º Ciclo (até à 4ª classe)		
2º Ciclo (5º ao 6º ano)		
3º ciclo (7º ao 9º ano)		
Secundário		
Licenciatura		
Outra (Mestrado, Doutoramento)		

3. Qual a profissão dos teus pais?

Pai: _____ Mãe: _____

4. Os teus pais são:

Casados/vivem juntos (___)

Separados/divorciados (___)

Viúvos (___)

5. Tens irmãos? Sim (___) Não (___)

5.1. Se respondeste “Sim”, quantos irmãos tens? (___)

6. Tens irmãos acolhidos contigo no lar? Sim (___) Não (___)

5.2.1. Se respondeste “Sim”, quantos irmãos estão acolhidos contigo? (___)

Anexo C

Questionário de Avaliação de Percepção das Propriedades Afetivas dos Espaços (Russell & Pratt, 1980)






QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DAS PROPRIEDADES AFECTIVAS DOS ESPAÇOS

Este questionário tem algumas frases sobre as zonas e espaços/divisões do Lar. Gostávamos de perceber o que sentes em relação a estas zonas e espaços/divisões. Lê com atenção as frases de cada espaço e diz-nos a tua opinião, marcando um círculo no espaço que descreve o que sentes. Os dados são anónimos – não serás identificado no questionário – e ninguém na Lar vai ter acesso às tuas respostas.






Exemplo:

Frase 1 – A sala de estar é **ESTIMULANTE**.

Se achas que a sala de estar é muitíssimo estimulante, então podes escolher o balão maior (que está no número cinco):

				
1	2	3	4	5
Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo






Se, pelo contrário, achas que a sala de estar não é nada estimulante, então podes escolher o balão mais pequeno (que está no número 1):

				
1	2	3	4	5
Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo

Percebeste? Se sim, podes virar a página e responder às perguntas. **Obrigado!**

1. SALA DE ESTAR					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. A sala de estar é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. A sala de estar é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. A sala de estar é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. A sala de estar é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. A sala de estar é SOSSEGADA.	1	2	3	4	5
F. A sala de estar é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. A sala de estar é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. A sala de estar é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5






2. SALA DE ESTUDO/ATIVIDADES					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. A sala de atividades é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. A sala de atividades é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. A sala de atividades é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. A sala de atividades é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. A sala de atividades é SOSSEGADA.	1	2	3	4	5
F. A sala de atividades é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. A sala de atividades é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. A sala de atividades é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5

3. SALA DE REFEIÇÕES					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. A sala de refeições é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. A sala de refeições é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. A sala de refeições é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. A sala de refeições é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. A sala de refeições é SOSSEGADA.	1	2	3	4	5
F. A sala de refeições é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. A sala de refeições é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. A sala de refeições é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5

4. COZINHA					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. A cozinha é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. A cozinha é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. A cozinha é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. A cozinha é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. A cozinha é SOSSEGADA.	1	2	3	4	5
F. A cozinha é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. A cozinha é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. A cozinha é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5

5. QUARTO					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. O meu quarto é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. O meu quarto é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. O meu quarto é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. O meu quarto é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. O meu quarto é SOSSEGADO.	1	2	3	4	5
F. O meu quarto é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. O meu quarto é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. O meu quarto é PERTURBADOR.	1	2	3	4	5

6. SALA MULTI-USOS					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. A sala multi-usos é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. A sala multi-usos é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. A sala multi-usos é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. A sala multi-usos é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. A sala multi-usos é SOSSEGADA.	1	2	3	4	5
F. A sala multi-usos é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. A sala multi-usos é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. A sala multi-usos é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5

7. CASA DE BANHO					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. A casa de banho é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. A casa de banho é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. A casa de banho é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. A casa de banho é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. A casa de banho é SOSSEGADA.	1	2	3	4	5
F. A casa de banho é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. A casa de banho é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. A casa de banho é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5

8. JARDIM					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. O jardim é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. O jardim é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. O jardim é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. O jardim é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. O jardim é SOSSEGADO.	1	2	3	4	5
F. O jardim é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. O jardim é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. O jardim é PERTURBADOR.	1	2	3	4	5

9. CAR					
	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
A. Em termos gerais, a CAR é ESTIMULANTE.	1	2	3	4	5
B. Em termos gerais, a CAR é EXCITANTE.	1	2	3	4	5
C. Em termos gerais, a CAR é AGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
D. Em termos gerais, a CAR é RELAXANTE.	1	2	3	4	5
E. Em termos gerais, a CAR é SOSSEGADO.	1	2	3	4	5
F. Em termos gerais, a CAR é TRISTE.	1	2	3	4	5
G. Em termos gerais, a CAR é DESAGRADÁVEL.	1	2	3	4	5
H. Em termos gerais, a CAR é PERTURBADORA.	1	2	3	4	5

Anexo D

Questionário Satisfação com a Vida

Escala de Satisfação com a Vida

(Adaptado de Diener et al., 1985 por Neto, 1993)

A seguir estão cinco afirmações com as quais podes concordar ou discordar. Utilizando a escala de 1 a 7 em baixo, indica o grau de acordo com cada item, assinalando o número apropriado.

- Fortemente em desacordo 2- Em Desacordo 3- Levemente em desacordo
4-Nem de acordo nem desacordo 5-Levemente de acordo 6- De acordo 7-
Fortemente de acordo

	Respostas						
1. Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.	1	2	3	4	5	6	7
2. As minhas condições de vida são excelentes	1	2	3	4	5	6	7
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
4. Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida.	1	2	3	4	5	6	7
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo E

Questionário de Vinculação ao Lugar (Magalhães & Calheiros, 2015)

QUESTIONÁRIO DE VINCULAÇÃO AO LUGAR

(Magalhães & Calheiros, 2015)

Este questionário foi desenvolvido para perceber de que forma tu sentes que estás ligado a esta instituição.

Assinala se concordas ou não com as afirmações, usando a seguinte escala:

1 Discordo Fortemente	2 Discordo	3 Nem concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo Fortemente
------------------------------------	----------------------	--	----------------------	------------------------------------

Para cada questão responde de forma espontânea e de acordo com a tua perspectiva, as tuas experiências, comportamentos, e sentimentos. Não há respostas certas nem erradas.

	1 Disco rdo Forte mente	2 Dis cor do	3 Nem conc ordo nem disc ordo	4 Co nco rdo	5 Conc ordo Forte ment e
• Viver nesta instituição diz muito sobre quem eu sou.					
• As minhas relações com os técnicos desta instituição são muito especiais para mim.					
• Identifico-me fortemente com esta instituição.					
• Realizar as minhas actividades nesta instituição é mais importante para mim do que realizá-las num outro lugar qualquer.					
• Estou muito ligado(a) a esta instituição.					

• As minhas relações com os educadores/auxiliares desta instituição são muito especiais para mim.					
• Esta instituição é o melhor lugar para eu fazer as actividades que gosto.					
• Aprendo muito sobre mim próprio(a) durante o tempo que passo na instituição e no seu meio envolvente (bairro, ambiente natural à volta).					
• As amizades que fiz através de actividades na instituição ligam-me muito a esta instituição.					
• Esta instituição significa muito para mim.					
• Sinto que esta instituição é uma parte de mim.					
• Pertencer ao grupo de jovens desta instituição é muito importante para mim.					
• Se não tivesse as relações que tenho com os educadores/auxiliares desta instituição, eu teria mais vontade de ir embora.					
• Esta instituição é muito especial para mim.					
• Sentir-me-ia menos ligado(a) a esta instituição se o ambiente à volta deixasse de ser assim.					
• Não há nenhum outro lugar que se possa comparar com esta instituição.					
• Sinto-me muito ligado(a) ao bairro e ambiente á volta da instituição.					
• Não substituiria esta instituição por outro lugar qualquer para fazer as actividades que faço aqui.					
• Se não tivesse as relações que tenho com os técnicos desta instituição, eu teria mais vontade de ir embora.					

Obrigada pela colaboração!

Anexo F

Convites de participação às instituições

A/C Presidente da Direção

Lar de Infância e Juventude

XXXXX

Assunto: Pedido de colaboração em projeto de investigação

Data: .

Eu, Sofia Alexandra Carvalho Araújo Tavares, venho por este meio solicitar a colaboração da vossa instituição no projeto de investigação que estou a desenvolver no âmbito da minha dissertação de mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores do ISCTE-IUL, sob a orientação da Professora Maria Manuela Calheiros e a co-orientação do Mestre Eunice Magalhães.

Com o desenvolvimento deste projeto pretende-se avaliar as propriedades afetivas dos espaços em contexto residencial. Neste sentido, a colaboração solicitada implica recolha de dados junto de adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos.

Os dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa.

Com os melhores cumprimentos,

Sofia Araújo Tavares

Anexo G

Consentimento informado para pais ou responsáveis legais

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, abaixo-assinado (a) _____
estou de acordo em que o meu filho(a)/educando(a) participe num estudo sobre a forma como os jovens pensam relativamente a diferentes aspetos do seu bem-estar e à sua experiência em acolhimento, estudo que está a ser desenvolvido pelo ISCTE-IUL.

Foi-me fornecida uma explicação integral da natureza e objetivos do estudo e concedida a possibilidade de colocar questões e esclarecer todos os aspetos que me pareceram pertinentes.

Sei que o meu filho(a)/educando(a) é livre de abandonar o estudo, se for esse o seu desejo.

Foi-me garantido que a identidade do meu filho jamais será revelada e que os dados permanecerão confidenciais. Concordo que os dados sejam analisados pelos investigadores do ISCTE-IUL no estudo.

Concordo em que não procurarei restringir o uso dos resultados nos objetivos a que o estudo se dirige.

Assinatura do investigador

Assinatura pai/mãe/responsável legal

Anexo H

Consentimento informado para jovens

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, abaixo-assinado(a) _____
aceito participar num estudo sobre a forma como os jovens
pensam relativamente a diferentes aspectos do seu bem-estar e à sua experiência em
acolhimento, estudo que está a ser desenvolvido pelo ISCTE – IUL.

Foi-me fornecida uma explicação integral da natureza e objetivos do estudo e concedida a
possibilidade de colocar questões e esclarecer todos os aspetos que me pareceram
pertinentes.

Sei que sou livre de abandonar o estudo em qualquer altura, se for esse o meu desejo.
Foi-me garantido que a minha identidade jamais será revelada e que os dados
permanecerão confidenciais. Concordo que os dados sejam analisados pelos
investigadores do ISCTE-IUL.

Não procurarei restringir o uso dos resultados nos objetivos a que o estudo se dirige.

Assinatura do investigador

Assinatura do participante
